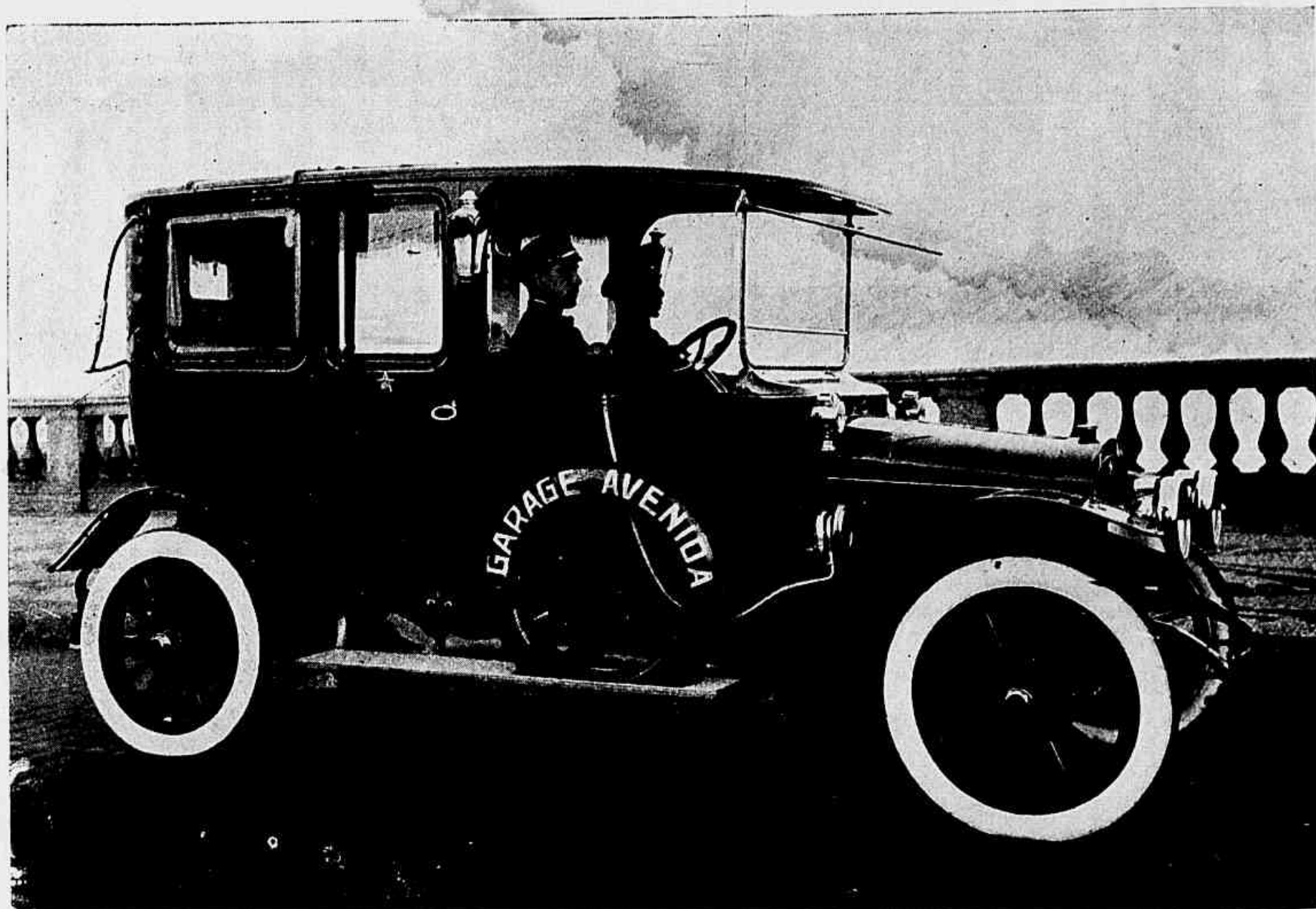
JORNAL DAS MOÇAS

Mlle. Elverita Fontes

Anno 2 Nº 36
Rio 1. de Novembro
-1915

400 Rs.

FOLHETIM

HISTORIA DE UMA LAGRIMA

Que é uma lagrima? A sciencia dar-nos-á uma explicação positiva; a poesia dirá que é o soro da alma, a linguagem do coração. Bem pouco avulta essa leve gotta de humor que os olhos vertem por alguma causa physica ou moral. E' nada e é tudo; para os animos praticos é um signal de fraqueza; para os corações sensiveis é um objecto de respeito, uma causa de sympathia.

Alexandre Dumas comparou eloquentemente o diluvio a uma lagrima de Deus, lagrima de dôr, se a dor pode ser divina, que a impiedade arrancou dos olhos do autor de todas as cousas.

Mas a lagrima cuja historia emprehendo nestas curtas e singelas paginas não foi tamanha como essa que produziu o grande cataclysma. Foi uma simples gotta, derramada por olhos humanos, em hora de afflicção e desespero. Quem tiver chorado achar-lhe-á algum interesse.

Conheci um homem de trinta annos que era o homem mais singular do mundo, começando por parecer sexagenario. Era alto, e, daquella severa belleza que consiste em mostrar nos traços do rosto os sulcos de um grande e nobre soffrimento. Os cabellos eram todos brancos, cahidos para traz sem affectação nem cuidado. Tinha os olhos fundos. Era pallido, magro, curvado. Vivia só numa casa escondida em um recanto de São Christovão, lá para os lados do Cajú, logar que elle proprio escolhera para não dar muito trabalho aos amigos que quizessem leval-o ao cemiterio. Poucas vezes sahia; lia algumas vezes; meditava quasi sempre.

Os seus passeios ordinarios, quando lhe acontecia passear, era ao cemiterio, onde se demorava habitualmente duas horas. Quando voltava e lhe perguntavam donde vinha, respondia que fôra ver casa para mudar-se.

Alguns visinhos suppunham-o doudo; outros contentavam-se em chamal-o excentrico. Um peralvilho que morava alguns passos adiante concebeu a idéa de ir denuncial-o á policia, acto que não realizou por lhe terem ido á mão algumas pessoas. Os meninos vadios do logar puzeram-lhe uma alcunha, e de tal sorte o perseguiam ás vezes que o pobre homem resolveu sahir o menos que pudesse.

Chamava-se Daniel, e, alludindo ao propheta das Escripturas, costumava dizer que estava no lago dos leões, e que só por intervenção divina é que o não devoravam. Os leões eram os outros homens.

I

Não sei porque, desde que o vi, sympathisei com elle. Tinha eu ido passar uma tarde em casa de uma familia de S. Christovão, onde me falláram das singularidades do velho. Tive curiosidade de conhecêl-o. Effectivamente passou elle pela rua, e todos correram á janella como si se tratasse de um urso. Percebi desde logo que aquelle homem era uma ruina moral, a tradição de um grande padecimento, sustentada por uma existencia precaria. Resolvi tratar com elle, e communiquei a minha intenção ás senhoras que me rodeavam. Foi um motivo de chacota geral. Mas eu fiz parar o riso nos labios das mulheres dizendo estas simples palavras:

— E se aquelle homem padece por uma mulher?

As mulheres calaram-se; os homens olharam uns para os outros.

Dahi a oito dias fui bater á porta de Daniel. Appareceu-me um criado velho que me perguntou o que queria. Apenas lhe disse que desejava fallar ao dono da casa, respondeu-me que elle sahira a passeio. Como eu sabia que o passeio era ao cemiterio, dirigi-me para lá.

Apenas entrei numa das ruas da cidade dos mortos, avistei Daniel ao longe sentado numa pedra, ao pé de uma sepultura, com a cabeça entre as mãos.

Aquelle aspecto fez-me parar. Era positivo que todas as excentricidades de Daniel estavam presas a uma historia, que devia ser a historia daquelle tumulo. Encaminhei-me para o logar onde o velho estava, parando a alguns passos, e conservando-me ao pé de uma campa, afim de que lhe parecesse que um motivo, que não a curiosidade, levava-me até alli.

De quando em quando levantava eu a cabeça para ver o velho, e achava-o sempre na mesma posição. Esperei uma hora que elle se levantasse, até que, perdendo a esperança, tratei de rtirar-me, quando vi ao longe, encaminhando-se para aquelle lado, um cortejo funebre. Era mais um habitante que vinha tomar posse da sua casa na vasta necropole. O ruido dos passos dos ultimos amigos e conhecidos do novo locatario, despertaram o velho, que se levantou rapidamente, lançou um olhar para a sepultura, e encaminhou-se para o lado do portão.

Quiz ver se a campa ao pé da qual o velho estava sentado tinha algum nome, mas ao mesmo tempo temi perder o velho, que andava rapidamente. Comtudo apressei o passo, e pude ler rapidamente na campa estas simples palavras:

— "Aqui jaz uma martyr".

Depois, dobrando de velocidade pude alcançar o velho no momento em que elle estava já a poucas braças do portão.

Ia fallar-lhe, mas hesitei. Que lhe diria eu? Como explicar a minha curiosidade? Entretanto o velho andava, e eu atrás delle, até que nos achámos ambos á porta da casa.

— Queria alguma coisa?

— Um pouco d'agua.

— Entre.

Entrámos.

— João, disse elle ao criado que lhe veio abrir a porta, traze um copo com agua para este senhor. Queira sentar-se.

Não sabia que havia de dizer depois de ter pedido a agua. O velho, apenas me viu sentado, tomou uma cadeira e sentou-se ao pé da janella. Os ultimos raios do sol poente batiam-lhe na fronte encanecida e sulcada pelo soffrimento. Era veneravel aquella figura tão humilde e tão resignada.

Veio a agua, bebi e dirigi-me ao dono da casa.

— Obrigado, disse-lhe. Sou F... e moro...

— E' inutil dizer-me a casa, interrompeu Daniel; meu reino já não é deste mundo. Entretanto agradeço-lhe...

— Mas, porque não é deste mundo?

O velho franziu a testa e respondeu-me seccamente:

— Porque não é.

Era impossivel tirar-lhe mais uma palavra.

Sahi, mas levando a resolução de voltar outra vez até travar relações com o velho.

Com effeito, cinco dias depois fui a S. Christovão e bati á porta de Daniel.

Achei o velho com um livro na mão.

Perguntou-me o que queria, e como eu lhe dissesse que era a pessoa que cinco dias antes estivera alli, respondeu-me que se lembrava e mandou-me sentar.

— Quer agua outra vez? disse elle sorrindo tristemente.

— Não, não quero. Ha de ter comprehendido que eu não queria sómente um copo com agua naquella tarde. Queria e quero travar conhecimento com o senhor que me parece um excellente homem...

— Excellente, não... respondeu o velho.

— E sobretudo parece-me um inexplicavel mysterio.

— Isso talvez. Quer decifrar-me, não é assim?

— Quero estimal-o, e para estimal-o, creio que basta conhecel-o. Comprehendo que a minha curiosidade é um pouco excentrica; mas, queira perdoar-m'a levando em conta que eu não zombo das suas singularidades nem faço conjecturas ridiculas sobre o seu isolamento. Ao contrario, creio que elle é devido a alguma causa nobre e santa.

O velho reflectiu alguns minutos e respondeu-me:

— Concluo de tudo isso que o senhor é mais curioso que o resto dos homens, porque elles contentam-se em investigar pela conjectura os successos da minha vida, ao passo que o senhor vem directamente indagal-os de mim.

— Perdão, se acaso...

(Continúa)

Para o J. B.

Não ha nada que possa separar dois corações, uma vez que estes tenham por base a confiança, a esperança e a firmeza.

Zenith Silva.

A minha amiguinha A. M.

O teu coração é uma roza onde repousa a amizade de tua sincera amiga

Z. S. S.

A boa amiguinha Dêdê

Quando o sol em languidos desmaios se deita na orla do poente, minha alma curvada ao peso de uma saudade atroz procura consolação e conforto no teu coração sincero.

Hugo Silva.

A's inseparaveis Maria Nunes e Baby Siqueira.

Si necessitaes de duas vidas para amar, dar-vos-ei a metade do meu coração, mas a outra não me peçaes, deixae-me alguma cousa para amar-vos.

Pery.

A' A.

Criatura adoravel!... Lyrio aberto á caricia branca do luar; flor de um affecto que nasce; sombra fugitiva que fez germinar no meu ser a semente da dor, escuta este brusco desenrolar de phrases dictadas pelo coração, que envolvem um profundo e eterno mysterio da alma que te anceia na singela verdade de uma fulgurosa idolatria! Neste ardente crédo de amor, encontrarás o éco longinquo de um peito desventurado que geme a dolorosa afflicção, no soffrimento cruel da incerteza!...

D. Paulo.

A ti, que me comprehendes.

Saudade — Flor que desabrocha no horto modelar do meu coração, e que é rorejada pelo orvalho reivindicador de sempreternas reminiscencias.

Encantado.

Augusto F. de Mattos.

A' E. A. P., que subscreveu o 8.° postal inserto em o numero de 1.° de Julho, desta revista.

Foi a mulher com os seus falsos e seductores sorrizos, que tornou o homem "traiçoeiro e rude como o mar nas horas de tormenta".

Foi ella que, com o punhal da seducção e dos encantos, feriu o primeiro homem, conduzindo-o para fóra do Eden, e ensinando-lhe "a amar o Amor, renovando o peccado", — na meiga phrase de Bilac.

Januaria, 12, 7, 15.

Silio.

A' Lóla

Não menos ardente que o de Petrarca, não menos puro que o de Isotta de Ramini, não menos sincero que o de Camões, o meu amor por ti excede ás sublimidades cantadas por Calardeau, emoções sentidas por Montegazza, a tudo que delicia a alma humana!

L. P.

A' S. M. (Viuvinha)

Os teus olhos são como a fogueira que, ardendo no campo com tão bellas chammas, seduz os innocentes insectos, para transformal-os em cinza.

O. Tenente.

A' Olivia Torres. (S. Paulo)

Assim como o doce orvalho protege as flores dos raios abrazadores do sol, a saudade tambem acalenta no peito a dor pungente d'uma longa auzencia.

Maria Isabel.

O TEU RETRATO

A' C...

Quando no teu semblante meigo e lindo,
Na tua ausencia, louco me arrebato,
Eu me entristeço, mas... depois, sorrindo,
Consolo-me beijando o teu retrato!

H. Aguiar.

A' Mlle. Walkyria.

Voltar? E' impossivel, pois outros olhares e outros sorrisos me attrahem. O nosso amor foi como as bolhas de sabão que soltavamos na infancia. Resta-nos somente a lembrança daquelle tempo feliz.

J. Archimedes.

A' Lulu'.

Em meu coração existem duas florinhas, geradas no mesmo galho: a tua esperança e a minha saudade!

Tua sempre

Zizella.

A' Ritinha (Campinas)

Ha, muitas vezes, nos olhos lagrimas de riso e no coração risos de dor.

Rio de Janeiro.

W. G. C. B.

A quem está ausente.

A ausencia! Que ausencia dolorosa! Que saudade da noite que passámos á luz suave do nosso affecto, na comprehensão intuitiva dos nossos corações, sob os olhares indiscretos das flores, que estavam aprendendo a amar no livro dos nossos olhos. Quantas saudades! Quantas recordações das juras solemnes com que sellámos o nosso amor!

Hugo.

Ao Adhemar Perrenoud

Desde que partiste, a minha alma jaz immersa em profunda dôr e se não fosse a esperança, essa virtude tão consoladora, por certo ella succumbiria ao peso de tamanha solidão.

Cecilia.

A quem eu amo.

Volitando pelo espaço áfóra vai a minha alma em busca de um lenitivo para banir do meu pensamento a idéa de que por ti sou desprezada.

Rio.

Estrella D'alva.

Ao meu noivinho José

O beijo é a contracção dos labios, produzida pela expansão do coração.

Allets.

A' J. L. C.

A tua indifferença fére e a tua ingratidão mata, porém estes effeitos são taes, quando applicados á alma não affeita ás intemperies do amor hypocrita, que fazem desesperar.

Alguem.

RESPOSTA

A Mlle. Abigail.

Tua bellissima alma tambem me encanta, assim como me encantam os mimosos colibris procurando anciosos o preciozo nectar das flores.

Themi.

A querida Lourdes

A nossa amizade jamais se extinguirá porque és uma sincera amiga em quem deposito toda a minha confiança e só tu me poderás facilmente comprehender. A tua alma castissima é como o delicioso aroma das flores.

Themi.

A Mlle. Claudina Mattos

Assim como as flores se desfolham ao minimo sopro da brisa, tambem a nossa amizade se desfez por uma falsa intriga.

Sensitiva.

Ao saudoso grupo Petropolitano.

Meu coração perdeu-se no mar immenso da saudade... e qual barquinho á mercê das vagas, almeja um porto de caridade.

—

A' alguem

Caro violino! Minha alma treme ouvindo tuas doces melodias; só ellas enchem de luz meus tristes dias.

—

A querida amiguinha Emma A. de Azevedo.

Como os lyrios vivem em noite de lua, meu amor revive vendo a face tua.

Alrem.

CHROMO

No floreo jardim, sentados
Muito juntinhos, juntinhos,
Estão os dois namorados
Trocando beijos... beijinhos...

Numa palmeira pousados,
Alguns gentis passarinhos,
Com seus cantos inspirados,
Applaudem os dois "pombinhos".

Mas, a mamã da menina,
Vendo "tudo" de um mirante,
Sente que a raiva lhe mina

O coração, nesse instante;
E vae ao jardim, ferina,
"Desapontar" o "tratante"...

1906.

Hermano Brunner.

AS FLORES

Ao meu particular amigo
Major José Fabiano Alves

As flores, symbolos dos amores, são as actrizes das alegrias e tristezas que nos envolvem, tornando-nos assim martyres das illusões que conquistam o espirito, após o combate insano das paixões.

Ellas embellezam a vida e a propria morte.

Nas flores representam a alegria que nos invade a alma, inebriante pelo aroma que d'ellas exhala e sobre o tumulo de um ente querido a dor de que se acham possuidos os nossos corações.

Oh! quão lindos são os papeis de summa importancia que desempenham as flores, visando o mesmo fim!

Fazenda do Paraizo.
S Sebastião do Rio Bonito.

Siilencioso
O. C. S.

Offerecido á pagina de Bilhetes-Postaes

Pagina sublime! Abrigo de odio, de desespero, de desolação e de esperança! Como tu és bella! Como eu admiro a tura resignação evangelica ante as violentas tempestades de corações apaixonados!

Na mudez do teu silencio, se reflecte a grandeza da tua bondade, a qual só pode ser comparada a do amor divino.

Caetano Cunha.

NA FESTA DA PRIMAVERA

Talvez nunca visses uma borboleta alva, diaphana, graciosa, muito bella, formosa e meiga... E' caso raro, eu sei; pois vi hontem uma assim, vaporosa, na visão angelical de Annita Veiga!

Rio.

Alfredinho

A' Zilda Monteiro

A saudade é uma flor aromatica que só existe nos corações sensibilisados pela acridoce recordação do ente amado.

C. M. B.

LEMBRAS-TE ?

Ao A. Araujo. (S. Paulo)

Foi na primavera. Faz agora um anno quando, numa manhã muito linda, eu colhia violetas roxas, muito roxas como as saudades que envolvem meu coração... E tu, de pé junto ao carramanchel de roseiras em flor, me contemplavas. Eu sorria ao deparar comtigo e tu tambem não foste indifferente ao meu sorriso. Neste momento pude lêr nos teus olhos castanhos um sentimento sublime que não ousavas proferir...

Um dia, em uma arvore junto mesmo ao carramanchão de roseiras em flor, tu gravaste meu nome. Depois, com a tristeza a transparecer em teu rosto interrogaste-me:

— E tu partes sempre?

Louca que fui, respondi: Sim!

— Não partas agora, disseste, deixa a tua viagem para mais tarde.

— Não, devo partir.

E como vi que mais te entristecias, sorri, mas esse sorriso contrafeito, dava-te a desillusão de que eu partia e não a esperança de tornar a ver-te.

Na manhã seguinte, não eram mais as violetas roxas que eu colhia, mas sim aquellas saudades brancas, muito brancas como as almas das virgens. Offereci-te uma, dizendo-te:

— Guarda-a como recordação de minha partida, é toda branca como a minha alma, é symbolo da minha sincera affeição; ella dar-te-á esperaças de que um dia eu torne a ver-te!

Em retribuição, tomaste de uma outra saudade roxa e me entregas-te. Sem nada dizer, porém, ella na sua linguagem ainda falou por ti; e o que ella traduzia eu soube bem comprehender.

Horas depois eu partia. A saudade roxa, essa eu guardei como sincera recordação; e hoje quantas vezes fico triste! e num longo suspiro envio meu pensamento a ti, a ti que estás distante!

Ipanema.

Adelia V. R.

Para a amiguinha Jacyra

A verdadeira amizade é aquella que não devemos apregoar e occultar avaramente no coração.

Estação do Meyer.

Irene

A meu intimo amigo
Eustachio Mendes

Sêde prudente. Confiae na Autoridade divina; não esqueçaes nunca que do Nada surgiu o homem primitivo. Não vos apoquenteis, porque assim como pelo phenomeno da crystalisação um bloco de madeira se transformou em pedra, vós que sois perseverante, vos transformareis em... o sonho doirado do teu amigo.

Villa Militar.

Olivio Barbosa

A' mes yeux bleus

Amar é ver o sol por entre a noite escura e sorrir na amargura; reunir numa phrase o infinito desejo: viver num sorriso para morrer por um beijo.

Zizi

A QUI JAIME

O amor é a petala mais perfumada da flor que desabrocha em nosso coração.

Zúzú

A' saudosa memoria de minha irmã Sylvia

No regaço da Virgem Maria, onde repousas, desfolho muitas rosas, rosas immorredouras, quanto immorredouras são as saudades que de ti, dentro de mim, vicejam.

Emma Muniz Alvares de Azevedo

A mon coeur

Sob a doce impressão do teu affectuoso acolhimento, envio-te as saudades da minha alma.

Zázá

A' Mlle. M. A. A.

O meu coração jamais poderá pulsar por moça alguma. O teu desprezo foi o bastante para dilaceral-o cruelmente.

Rio.

C. S.

Assim como os passaros captivos procuram a liberdade, eu em teu coração procuro a amizade.

Villa Izabel.

Angelica

A' G.

Encontro em ti um quer que seja de bello, que me seduz, fazendo-me comparar-te com uma roza; não tens o envoltorio composto da juncção das pepalas que formam o calix dessa mimosa flor nem das petalas que formam a sua corolla; tambem não tens a casta melancolia de que é dotada a roza; emfim não sei, porque te acho parecida com a roza.

Paulo de Mattos

Para Waldemiro França.

Não ha nada mais bello e sublime do que dois entes amarem-se no maior segredo.

Estação do Meyer.

Irene

Para o amiguinho Cireno

Porque me desprezas?
Julgas por ventura que eu não te ame?
Que louquinho és!
Desde o dia 16 defevereiro, data feliz, que te consagro um verdadeiro e sincero amor.
Não sabes como soffro!
Meu coração está despedaçado pela cruel dor da ingratidão

Tua sempre tua

Cyreto

Ao inolvidavel Orlando C.

Cada momento que te vejo sinto que uma setta me atravessa o coração, que chora de saudades do nosso passado feliz, que jámais esquecerei!

***

A' O. S. R.

A saudade é creada no altar do coração, que diz morrer sim, mas esquecel-o não.

B. H. P.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Theolina L. Peixoto — Recebemos. Será attendida com grande prazer.

Archiminio Caio — O soneto "Ritorno" precisa alguns retoques, que o illustre amigo poderá fazer e que são oriundos certamente de um deculpavel descuido.

Luiz Ed. Costa — O acrostico necessita alguns concertos e falta-nos o tempo e talvez... competencia para tanto.

Alvaro Coutinho — Publicamos gratuitamente.

Arvore de Jupiter — Tem muita razão, mas o serviço é muito dahi naturalmente, a falta commettida, que neste numero procuramos remediar, de accordo com a sua cartinha. Desejamos que fique satisfeito.

Dom Sumaré — Teremos muito prazer, sem cerimonia e será recebido com especial carinho.

Adelaide Dourado — Sempre ás suas ordens; não encontramos o postal que V. Ex. se refere.

Jean Corbeille — Perca a esperança de ver publicada a sua "Esperança".

Ezequiel — Tenha paciencia, mas sem que saiba manejar bem o segredo das boas rimas e da boa metrica, não nos podemos entender.

S. M. — Não serve. Faça um resumo e mande para os "Bilhetes Postaes".

India — O postal está bom e a fantasia "Sonhar" precisa pequenos retoques que nós mesmos podemos fazer, si nos permitte...

Dr.... — Temos o maximo cuidado na escolha dos romances e novelas a publicar e estamos deveras admirados com o que nos fez sentir em sua carta. Nós agradecemos sinceramente as observações feitas, com lealdade e que servirão para nos orientar, mas, neste caso, estávamos certos de que tinhamos feito uma boa escolha. O desfecho do romance é da maxima moralidade e durante todo o seu enredo nada existe de rebarbativo ou inconveniete. Só o titulo é que é um pouco suggestivo. De qualquer maneira muitissimos gratos ao bom amigo pela solicitude da sua intervenção.

Hersan. — Não entendemos, escreva com mais cuidado.

Carmen Vidal — Porque não escreve alguma ligeira phantasia ou divagação litteraria ao envez de se occupar desses factos da vida real, para cuja descripção é necessario tanto labor no convivio com os grandes mestres?

Narcez Minick — O soneto precisa "remendos".

Arlindo B. C. — Sem alguns retoques, os seus sonetos não poderão ser publicados.

Oldemar M. — O mesmo "despacho".

Airam — Não tem razão; alguns dos seus bilhetes postaes têm sido publicados.

Antonietta — Um pouco longo o seu trabalho e de pouco interesse. V. Ex. se quizer poderá dar uma forma mais agradavel as suas idéas, melhorando o estylo.

Octavio Ribeiro — Melhore a feitura dos seus versos e então as "Andorinhas" voarão; por emquanto, estão presas...

J. Maceió — O seu trabalho "Illusões de Amor", não está máo e será aproveitado opportunamente.

Olivia de Serrato — Bom o soneto "Maximo Anceio".

Amelia Napoli — Muitissimos gratos á sua extrema gentileza, publicaremos com a maxima brevidade.

Vulmar Coelho Pinto — Serve seu trabalho "Saudades".

John — As quadrinhas serão publicadas, com alguns retoques.

A. M. Barros — A prova que nos mandou não está grande cousa, entretanto vamos tentar a reproducção.

O penultimo postal da 1.ª pagina dos "Bilhetes Postaes", publicado no numero anterior é de autoria do nosso collaborador "Arvore de Jupiter". Esse postal deveria sahir junto ao primeiro da 2.ª pagina.

Mlle. "Descrente", antes "Ciumenta" passa d'oravante a usar o pseudonymo de "Mlle. S. E. M. N. para evitar enganos...

O DIA DOS MORTOS

Para o Neves Brazil

Amanhã, ao matinar religioso e triste dos sinos, os vivos irão, emocionados e melancolicos, prestar uma santa homenagem aos seus mortos queridos, que, como disse o sublime Eça, "andam dispersos pela grande natureza, pelas florestas esguedelhadas, pelas espessuras sonoras, pelas uberdades da seiva, pelos sulcos profundos, por todas as verduras d'acre cheiro". E então todos nós teremos uma lagrima sentida para um ente que partiu, num dia claro e lindo ou numa noite angustiosa e sombria, para o Além, para o horrivel Desconhecido!... E essa lagrima sentida avivará a lembrança do morto, recordará todo um passado feliz, rememorará uma quadra risonha... E os mortos, no mysticismo ironico de sua mudez, sentirão uma alegria ignota, uma ventura infinda... E os piedosos corações e as almas meigas e emotivas, sentirão a immensa agonia do dia em que partiu o ente amado para bem longe!...

Todos os seus defeitos, todas as suas qualidades serão lembradas em um extase profundo. Si o morto foi um marido exemplar e um bom pae, a viuva inconsolavel irá, com os filhinhos innocentes, chorar a perda do esposo amado e do pae extremoso. Si o morto era um pobre artista que só viveu de idéaes, que teve sempre para a Vida um sorriso ironico e zombeteiro, e que sempre andou mergulhado em seus sonhos de Gloria e Ventura, então a Visão longinqua de todos os seus sonhos, de seus versos e idéaes, virá, nas horas caladas da noite, ajoelhar-se sobre a campa do divino artista e, baixinho, entoará mil hymnos de Gloria e amor, extranhas e bizarras cavatinas, plenas de lagrimas e soluços, e o morto infeliz terá assim o seu consolo...

Mas, si o morto pertenceu em vida á grande massa dos anonymos e si o seu corpo repousa agora na valla obscura e immunda, então as flores, as "bailarinas do espaço", "a grande espherula de luz engastada no infinito", a noite immensa e fria, emfim, toda a Natureza, chorará silenciosa e romantica sobre esse infeliz, cuja vida foi um constante poema de desejos, e uma odysséa rubra da Desgraça... Por isso, bastante razão teve o escriptor quando disse: "Os mortos são felizes". Sim, são felizes porque, emquanto nós, no delirio febril duma lucta incessante, soffremos, amamos, odiamos, injuriamos, blasphemamos e representamos o papel, obscuro ou não, na grande "mascarada de forçados", elles, na beata solidão dos ermos cemiterios, murmuram de manso e lentamente uma canção de Alegria e Ventura... São felizes porque não possuem mais n'alma a intermina agonia duma vida accidentada e infeliz... porque não soffrerão jamais a maldicta ironia do Destino, nem os embates da Sorte... e porque, na solidão e no abandono em que vivem, jamais terão para tortura o espectro horrivel das illusões extinctas... Então, quer sob a forma de corollas, de possantes florestas, de lindas alvoradas e rubras aurosas, ou sob a forma das ondas tempestuosas ou de átomos de luz, elles têm uma outra nova vida, cheia de Ventura e de prazer... E elles são felizes nessas divinas transfigurações, nessas bemdictas metempsychoses, onde as virgens tomam a forma de flores e os poetas a dos arvoredos nostalgicos e sombrios!... E sempre, nas horas do suave crepusculo, elles vêm, sob os aspectos mais diversos, segredar aos nossos ouvidos extranhas confissões, exoticos poemas de amor e de desejos... Por isso, amanhã, quando todos forem levar flores ás sepulturas queridas, elles, que estão nas proprias flores, que vivem nos fructos e nos campos, nas florestas e nos mares, que existem em toda a grandeza da Natureza, murmurarão, agradecidos e felizes, embalados nas canções de Alegria e de Ventura... sublimes confissões cheias de Saudades e plenas de Amor...

Salomão CRUZ.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 1 DE NOVEMBRO DE 1915 NUM. 36

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

DIA DE FINADOS!

Foram-se os deuses! Houve a derrocada da creação pantheista do genio antigo.

De toda a parte se foram afastando as divindades que a imaginação dos povos primitivos ahi foi collocando como uma resposta á sua *ignorancia* e ao seu *medo*.

O espirito moderno, no seu criticismo scientifico, impulsionado pelas luminosas e vencedoras theorias da *Encyclopédia* do Seculo XVIII, vem pondo por terra todas as crenças de nossos antepassados, de nossos ancestraes, todos os sonhos religiosos com que foram embalados desde o berço, certos de que se encaminhavam sempre ou para esses *montes azues* dos nossos selvagens, para os *Campos Elysios* da theogonia grega, para as *campinas sempre verdejantes* do Islamismo ou, finalmente, para esse *paraizo* de eterna e celeste felicidade, entrevisto pela imaginação do povo hebreu, quando em luta de sujeição contra o jugo estrangeiro.

Foram-se os deuses! A livre critica, que desde a *Reforma* de Luthero até aos nossos dias, tem alevantado o espirito de modo a fazel-o encarar o *céo*, não já como uma morada de anjos e de virgens, mas como um espaço infinito, cheio de mundos e de vida, tende cada vez mais a afastar-nos da crença dos antigos deuses e da propria concepção theologica do romanismo decadente!

Foram-se os deuses! As fontes já rumorejam sem um echo de divindade, o rio soluça, a ramária farfalha, o vento cicia ou ullula, a noite arqueia-se, constellada, sem que a imaginação popular os povoe de genios ou de deuses. Foram-se todos!

Emquanto, porém, todo esse cortejo de divindades passa como um conto de fadas que algum poeta indiano da antiguidade, algum sublime Valmiqui descreveu, eivado de vagos sonhos, a religião dos mortos perdura sempre.

Foram-se os deuses! Já nenhum monte, já nenhuma pedra, nenhuma planta, nenhum pedaço de madeira é adorado na terra senão pelos que ainda se acham abysmados na noite caliginosa da barbaria, pelos que, até agora, não emergiram ainda do primeiro cyclo da civilisação humana.

Foram-se os deuses! Por terra *o gavião* de Deus Vichnú dos indianos! A *pomba* dos babylonios e favorita da deusa do amor! Por terra *o gavião, a serpente, o boi, a vacca, o escaravelho, o javali, o crocodilho* dos egypcios!

Por terra a *aguia* de Zeus, *o lobo* de Apollo, *o mocho* de Athenas, *o touro* de Mithra, *o lobo* de Soranzo, o deus sabino! Por terra *a vacca de ouro* dos rabbinos, *o boi* do Apocalypso, *o cão* dos indios de Xauca e Huaca, no Perú, *a vacca* do Himalaya, *o touro* dos japonezes, toda a zoolatria emfim dos antigos ante os embates da civilisação triumphante!

Foram-se os deuses! Crestaram-se, ao calor da razão poderosa, *o carvalho* de Jupiter e Cybele, *o pinho maritimo* de Baccho e de Pan, *a oliveira* de Minerva, *o loureiro* de Apollo, *o myrtho* de Venus aphrodita, o *erable* dedicado aos genios, *o cedro* ás Eumenides.

A' chamma abrazadora do forte raciocinio scientifico, tombaram por terra e murcharam para sempre o *platano* sagrado dos lydios, *a figueira* buddhica de Ceylão, *a bananeira* de outros habitantes da mesma ilha, *a amendoeira* mystica da religião grega, *o myrtho* sagrado dos hebreus, a *dracena* dos guanchos de Tenerife, *a oliveira* dos athenienses, *o carvalho* druidico, *a verbenna* sagrada dos romanos, finalmente, toda a fauna sagrada dos primitivos povos.

Foram-se os deuses! Do firmamento amplo e infinito desertaram todas as constellações deificadas. O sol ficou sendo apenas o immenso repositorio da vida de nosso systema planetario; a lua, a meiga consoladora dos namorados e dos poetas contemplativos; syrio deslumbrante, uma das mais fulgentes estrellas. Toda a cosmogonia antiga desapparece assim da imaginação dos povos á força soberana da razão moderna.

Mas o culto dos mortos continúa de pé como sagrada almenara do amor humano.

Dos humbraes sagrados da casa *dos que se foram* como que se desprende o perfume dulcificante de uma nova religião, congregando todos os povos num só pensamento de ternura infinita e de largas scismas consoladoras.

Esse apêgo de amor que une as gerações uma ás outras, como uma cyclopica cadeia feita de ideaes para cuja realisação já se lutou e se luta ainda, cada vez mais nos approxima dos que, na solidão reverente do Campo Santo, repousam tranquillos, emquanto proseguimos a lutar sempre á sombra do bem por elles deixado.

Quando a ultima particula do pensamento humano se tiver desprendido de tudo que importe em pendor theologico e a razão soberana proclamar o inteiro dominio de sua emancipação, nesse dia ainda a veneração pelos mortos levar-nos-á, subjugados, a meditar nos feitos dos que conseguiram em vida erigir o edificio de nossas liberdades e cercar-nos do conforto benefico de seus ideaes realisados.

Foram-se os deuses! Mas a imagem daquella que nos deu a vida e nos ensinou a amar, pela persistencia de seu immenso amor, ha de pairar sempre por sobre os nossos sonhos como um nimbo refulgente, a chamar-nos para alguma cousa melhor.

Quem, nas noites de sua existencia, não entreviu já a querida sombra de alguem que não existe mais e que lhe fôra um dia uma especie de genio fagueiro, piedoso anjo da guarda a seguil-o pelas veredas do seu destino?...

Foram-se os deuses! As religiões se vão apagando do espirito humano como as miragens fallazes do deserto, ficando apenas como um raio de sol, iriado e suspenso de uma columna de nevoas, a belleza artistica da concepção que as gerou.

Mas esse entranhado e cultual devotamento com que evocamos a memoria dos que a nós vivem ainda presos pelo amor, em todas as suas multiplas modalidades, tende a desenvolver-se sempre em escala ascendente para tornar-se de futuro o culto unico da humanidade.

O dia de finados ou aquelle que pelas gerações por virem fôr estabelecido como o marco onde pára a alma popular, afim de render tributo de veneração e de amor aos que tanto fizeram pela felicidade humana, ha de ser, em época não muito remota, o unico *dia santificado* nos annaes de todos os povos.

Ribar

Alcina de Faria, sobrinha do Dr. Eloy Faria

Senhorita Celina Vaz de Castro

Deolinda Cruzeiro, residente nesta capital

Paginas da alma

A um engenheiro civil

VEJO-O todos os dias e nunca mais o olvidarei.

Tez morena, apparencia nobre e altiva, é um bello typo de homem cuja estatura enverga um todo magestoso e arrogante.

Conta uns trinta e poucos annos; fronte baixa e estreita, nariz fino, bem delineado, ornam-lhe a face pallida e magra.

Seus olhos vivos e intelligentes, dão á physionomia um ar expressivo de lealdade, emquanto que os labios, finos e delicados, ligeiramente cobertos por um pequeno bigode, temperam e adoçam o orgulho que o seu todo deixa transparecer á primeira vista.

Vejo-o sempre, mas nunca soube onde fosse a sua casa, apenas por uma insignia que traz, verifiquei tratar-se de um engenheiro civil.

Traja-se a rigor, anda sempre só, sempre serio e indifferente.

Nunca o vi sorrir, nem palestrar com pessoa alguma e seu todo respira tal expressão de orgulho que gela nos labios qualquer palestra que se queira com elle entreter.

Segundo penso, tem o curso de engenharia, esta bellissima carreira que offerece tantas vantagens e futuro tão brilhante, pelas differentes applicações.

Sempre lhe manifestei sympathia e sinto não pertencer ao sexo forte para enaltecer meu paiz assumindo as grandes responsabilidades que acarreta a profissão de engenheiro.

Tomaria sobre o meu cargo a construcção de estradas de ferro, de pontes, sobre precipicios, abertura de canaes, magestosos palacios que constituem maravilhas da arte, ou então envergaria a farda para exercel-a na arte militar.

Partiria como o inesquecivel Rondon, cuja memoria jamais se apagará, para o interior do Brazil, paiz ainda novo, pouco desenvolvido, e tornal-o-ia grande, emprehendendo construcções de estradas de ferro que fizessem conhecidos os vastos pontos não explorados por falta de communicação.

Seria ardúo o trabalho e inçado de difficuldades, mas que importa se as saberia vencer!

Então, quanto me haviam de admirar na minha obra e quanto me orgulharia ao ver-me apontada como varão illustre do paiz, pelos serviços que prestei!

Calcava, assim, com a força e o arrojo do meu talento, o mundo que se curvaria a meus pés e seria apresentada com ostentação ao estrangeiro, como um dos luzeiros da sciencia mathemathica e a gloria assombrosa do Brazil, esta terra abençoada que me serviu de berço e por quem serei abnegada até ao sacrificio.

Helena D. Nogueira

ANNUNCIO CURIOSO

Na quarta pagina dum jornal estrangeiro, lia-se ha pouco o seguinte annuncio:

«**Aviso para as senhoras** — O dr. Clarimundo, bonito, moço, com solida fortuna, achou dentro de uma brochura um cabello de maravilhosa belleza. Desde que o encontrou, collocou-o sobre seu coração e quando encontrar a dona desse formoso cabello, estará disposto a se casar com ella. Mandem, pois, cabellos para confrontar ao dr. C., posta restante.

Os cabellos choveram em casa do annunciante e este fez excellentes negocios, pois era simplesmente um «coiffeur pour dames».

A VELHA MARGUETT

Olhos cheios de lagrimas que se sumiam pelas rugas de suas faces, a velha Marguett contemplava seu bom e querido neto que vestia o uniforme do soldado belga.

Tinha elle apenas vinte annos. Era bello e forte e a vestimenta militar tornava-o mais lindo ainda. E Otto depois de apertar o cinturão, voltou-se para sua avó, a quem chamava de mãe e perguntou-lhe:

— Mãe, que diz?

— Que é uma desgraça, meu filho!

— E vem a senhora com seus receios. Mas não vê que é impossivel aos allemães passarem Liége? E si isso succedesse não estaria a poucos passos d'alli Namur, para conter a onda invasora?

— Ah! meu filho, com que facilidade tu falas em defeza!

— Falo com conhecimento, mãe. Já estive naquella fortaleza e sei o que alli está.

— Tens a illusão da idade, meu filho. Julgas tudo pelo lado optimista quando antes o devias encarar pelo pessimismo. Dizes tu que arranjámos um meio de tornar inexpugnaveis as fortalezas. E sabes porventura si os nossos adversarios descobriram algo que lhes permitta vencer esses grandes obstaculos? Devemos contar sempre com as surprezas. Mas será tudo pelo que Deus quizer. Agora que tu váes...

E desatou em copioso pranto.

— Não chore, mãe. Não chore. A senhora fica sósinha, bem sei. Mas que hei de fazer. Já fui chamado pelo edital. E não posso fugir ao serviço, sob pena de fuzilamento.

— Fugir ao serviço? Então pensaste?... Não, filho. Vae cumprir teu dever. A patria te chama, corre ao seu appello. Vae mostrar que somos um povo de raça, que somos valentes, que temos coragem e que não nos intimidam avalanches.

Ao longe, começava a troar o canhão que se ouvia alli claramente.

Os dois, avó e neto, ficaram por um instante como que suspensos, como que petrificados, a se interrogarem reciprocamente com os olhos.

— Ouves, filho? Já começou a lucta, já principiou a invasão. Forçam as nossas fronteiras, e daqui a pouco...

— Coragem, mãe. Não desanime. Tenha fé no futuro e confiança nos soldados belgas.

E o canhão troava. Os vidros das casas se partiam. Pelas ruas afóra, mulheres fugiam com creanças agarradas ao peito. Homens á paizana, de carabina na mão, corriam para o lado de onde vinha o ruido surdo e rouco...

A velha Marguett sentada na cadeira de vime com lagrimas nos olhos e os bilros entre as mãos rugosas.

Quando Otto chegou á janella e seus olhos divisaram aquelle quadro terrivel e lugubre, sentiu o sangue escaldar-lhe nas veias, o peito pulsar de odio, a bocca encher-se de imprecações e e chamou a avó:

— Olha, mãe, como os infelizes já fogem. E' necessario que tambem partas d'aqui...

— Por que?

— Os allemães...

— Mas, não disseste que as fortalezas resistirão a todo ataque?

— Disse, mas quem sabe...

— Que é isso, teu animo já enfraqueceu? Já sentes vacillar tua coragem? Filho! um belga não vacila, e nada teme! Apanha tua espingarda e corre para o quartel a auxiliar teus companheiros.

— E a senhora?

— Não te inportes commigo. Vae, que eu me hei de arranjar.

Otto apanhou a espingarda, pol-a a tiracollo e correu ao quartel. Um abraço demorado, em que as lagrimas do novo soldado se confundiam com as da heroica velhinha, sellaram aquella despedida triste e pungente.

Ella pregou ao peito do neto uma medalhinha, representando uma santa e disse-lhe:

— Que Deus e a Virgem Maria te protejam, meu bom filho.

E do portão ficou a olhar Otto que corria em direcção ao quartel, onde os clarins soavam fortemente emquanto ao longe troava o canhão...

***

A passos tardos e triste, a pobre Marguett voltou para dentro de casa. Sentou-se a uma cadeira de vime e ficou a meditar, contemplando, pela abertura da janella, onde Otto pouco antes se debruçara, o crepusculo que descia.

Seu passado ia revivendo lentamente em sua memoria, cheia de passagens dolorosas e pungentes. Na illusão da tarde que se ia mesclando com a noite, acreditava ver a imagem de toda sua familia que foi desapparecendo aos poucos. De doze filhos que tivéra restava-lhe apenas, para consolo de sua velhice, um neto: Otto. E esse mesmo, quando ella mais só se sentia, a guerra lh'o queria roubar. Parecia-lhe vel-o já, numa fortaleza, por entre fumaça e escombros, todo ensanguentado, a clamar pelo seu nome...

E longo tempo assim se conservou até que um ribombo forte a accordou daquelle extase.

E quando viu o isolamento que a cercava e ouviu a gritaria da gente que corria pela rua sentiu uma revolta instin-

ctiva contra si mesma, uma raiva subita contra aquelle seu momento de incomprehensivel fraqueza. Por que, em vez de procurar prender Otto junto de si, em vez de evitar que elle a abandonasse fôra incital-o a caminhar de encontro ao inimigo? Por que não fugira com elle, acompanhando aquella multidão que corria, para um outro paiz onde houvesse paz?

Mas, agora era tarde de mais! Otto já deveria estar no quartel, talvez a caminho dos fortes ou talvez... E uma lagrima correu pela face da velhinha.

Cada vez mais intenso se tornava o ruido do canhão. E alli mesmo, encostada á janella, a velha Marguett, ajoelhou-se e invocou, em prece enternecida e cheia de dor a protecção de Deus para seu querido neto e indulgencia para o acto irreflectido que commettera porque amava muito a Belgica. O pensamento de ver sua patria livre e florescente, sob o jugo extrangeiro, hallucinára-a...

*
* *

O exodo da população fôra quasi completo. Pouca gente ainda se conservava em suas casas. E quando os ultimos fugitivos, que passavam, convidavam a velha Marquett a acompanhal-os, ella, com um sorriso — amalgama de sangue e lagrimas — dizia:

— Não posso. Espero Otto.

E todas as tardes, emquanto o canhão ribombava tragicamente cada vez mais proximo, annunciando morticinios e esphacelamentos, a velha Marguett dirigia-se para o quartel em busca de noticias do neto.

Mas, não conseguiu siquer approximar-se da praça de guerra e de lá voltava mais triste e mais macambusia.

E quando a velha Marguett ouviu algumas horas depois, aquelle garoto gritar que Namur havia caido em poder do inimigo, ficou perplexa e sentiu um terrivel calafrio tomar-lhe todo o corpo.

Mas, como poderiam os invasores apoderarem-se de Namur, si lhe tinham dito, que havia muito tempo, que Liége continuava a resistir?

Ah! Agora comprehendia. Enganavam-na. Enganavam-na porque sabiam que seu neto estava naquella fortaleza.

Desalentada deixou tudo que tinha em mãos cair ao chão. E estava ainda sob o poder daquella angustia terrivel, quando viu em frente á sua casa o brilho de diversos capacetes.

Ia levantar-se da cadeira. Mas já não teve mais tempo. Ao seu lado estavam quatro soldados allemães que a intimaram a dar-lhes hospedagem.

Ella os olhou com um terrivel odio. Mas, que fazer? Negar era impossivel. As leis da guerra são medonhas. Consentiu, pois. E quem sabe? Talvez elles dessem alguma noticia de Otto.

Falando francez muito mal, os soldados iam contando á velha Marguett, em tom de mófa, as peripecias dos assaltos ás fortalezas que em nada a interessavam.

Ao ver na mão de um delles uma medalhinha, ella a olhou fixamente, e pareceu-lhe reconhecer a que dera a Otto.

— Mostre-me isso.

Era realmente a santinha que ella havia dado ao neto.

— Onde a encontrou?

— No peito de um soldado belga morto.

— Moço?

— Sim.

E a velha Marguett desatou em copioso pranto, emquanto os recem-chegados, não comprehendendo sua immensa dor, riam a bom rir.

Subito seu pranto cessou. Suas feições denotavam algo de extraordinario.

Tornou a olhar a medalha. Era a que Otto levara. E foram elles que o mataram e que vinham ainda escarnecer della! Mas, haveria de vingar seu neto.

....

E no dia seguinte pela manhã, todos que passavam por aquella rua e viam a casa da velhinha transformada em ruinas pelo incendio da noite, diziam:

— Pobre Marquett !

João CARIOCA.

Pic-Nic realisado na ilha do Catalão, por distinctas familias desta capital

A' senhorita H.

O seu olhar diz-me tanta cousa ditosa! Fala-me de um céo tão longinquo mas tão radiante, que largo tempo fico a vislumbrar visões ethereas, imagens tão deslumbradoras, como as esboçadas pelo seu sorriso, cheio de poesia e de encanto!

Quando fito o seu olhar, começo a ver a luz de uma esperança a surgir pouco a pouco das dobras desse horizonte,

Senhorita Dalila Lage, professora do Grupo Escolar em Juiz de Fóra

cheio de sombra e que parece encerrar os dias de meu futuro.

Que quererá dizer esse olhar? A flor da vida que desabotôa ao mago acalento de sua radiante mocidade para vir florir em meu seio ou o goivo triste que só floresce no coração dos que desesperam da existencia?

Vamos, rsponda!

E' tão doce o sonhar! Deus nos devera ter feito como essas florinhas cujos calices se abrem apenas á noite para haurirem a frescura do rócio celeste e para sonharem á branda luz das estrellas! Essas florinhas são como virgens mortas ao doce despertar dos primeiros sonhos. Morreram a sonhar, e, quem sabe? vivem ainda sonhando!

Si o seu olhar exprime a desesperança, não fale nunca; deixe de ler esta carta e feche os seus labios para que o grito do seu desdem não me venha despertar do delicioso sonho que me embala a alma pensando em seu nome!

Que lhe custa ser boa? Deus fez o nosso coração só para a bondade. Si o meu nome não deixou ainda impresso nas cellulas amorosas de sua mente ao menos as primeiras lettras de meu nome, para que o confessar? Basta que me não fite mais, porque minha alma ficará suspensa de sua mudez, a sonhar ainda no grato encantamento de meu amor!

Que quer, ditosa e meiga florinha? A sua imagem de tal modo reproduziu em minha alma, e em cunho indelevel, os

Senhorita Elvira de Oliveira, professora de piano, residente em Juiz de Fóra

seus mais encantadores traços, que desprendel-a dahi será uma desventura cruel.

Si me não estima, que lhe custa o silencio? Imagine que nunca me viu; que meu nome nunca cahiu sob o raio luminoso e offuscante de seu olhar; que esta carta não passa de um papel inutil que se deve lançar fóra; e que meu amor é como uma dessas aves marinhas que emigram á primeira sombra do outono!

Foi uma nuvem passageira que por um instante passou a toltar o céo purissimo de sua vida, mas que passou.

Si me vota alguma estima, digne-se responder, alva e pura visão de um dia de primavera, porque sua resposta constituirá para minha vida como um amplo docel florido, todo circumdado da luz deslumbradora do mais casto affecto!

S.

MIRAGEM

Com o titulo acima, recebemos um bellissimo livro de versos da illustre poetisa Esther Ferreira Vianna.

No proximo numero teremos occasião de manifestar-nos a respeito do mimoso volume, cuja remessa desde já agradecemos.

NOTAS THEATRAES

TRIANON

A comedia "Vinte mil dollars", alcançou um grande successo no theatrinho da Avenida que, não ha mais quem duvide, tornou-se o ponto preferido do mundanismo elegante e chic da nossa urbe.

O cartaz, com aquella pontualidade rigorosa a que nos habituou, o activo e intelligente Christiano de Souza, é mudado todas as segundas-feiras.

Seguio-se a comedia "Primeiro marido de França".

Candida Leal, intelligente actriz da companhia Alfredo Silva

RECREIO

A primeira representação da burleta, *"Braz Bocó"* original de João Phoca, versos de Raul e musica de Luiz Moreira alcançou ruidoso successo.

Maria Lina, Olympio Nogueira e Pinto Filho estiveram magnificos nos seus papeis.

Um verdadeiro successo theatral a exhibição da engraçada peça, que segundo ouvimos dizer, será substituida pela revista *Confeitaria da Moda,* esrcripta pelo Snr. Ivan Pinto.

MEZ DE NOVEMBRO

Recebeu este nome, que ainda conserva, do logar que occupava no calendario de Romulo, no qual era o nono. Desde o tempo, porém, de Numa até hoje, ficou sendo o undecimo.

Neste mez celebravam os romanos as festas Neptunaes e os "Jogos plebeus" que duravam tres dias. Desde o dia 21 até o 24 celebravam as "Brumaes", ou festas de inverno. A 27 faziam sacrificios mortuarios aos manes dos gallos (francezes) que depois de vencidos tinham sepultado vivos em um dos mercados de Roma.

A representação allegorica deste mez consiste em um homem com um vestido variegado de verde e preto, coroado de perpetuas e com um molho de nabos, cenouras, e mais raizes fusiformes, na mão. Costumam tambem pintar á esquerda desta imagem o signo de Sagittario em que o sol entre no dia 22 deste mez.

Um e outro sexo viverão annos, chegando algumas pessoas a attingir noventa primaveras.

Os homens serão trabalhadores e honrados e muito amigos de caçadas e viagens.

As mulheres terão predilecção pelo "sport" de todos os generos, donde resultará serem pouco amigas dos serviços caseiros.

RIO PALACE HOTEL

A capital da Republica acaba de ser dotada com um magnifico edificio construido no melhor local do Largo de S. Francisco, e onde foi inaugurado no dia 16 do mez findo o "Rio-Palace Hotel", que certamente vem preencher a falta que se sentia de um estabelecimento modelar para hospedagem e que dispuzesse de modernos apparelhamentos de conforto, de hygiene e bem estar para os "touristes" e viajantes que nos visitam.

O sumptuoso edificio consta de cinco amplos e arejados andares, divididos em 100 aposentos mobiliados com o mais apurado bom gosto; possuindo tambem varias salas de espera e leitura, elevadores electricos, grande profusão de luz e uma primorosa installação sanitaria.

O "Rio-Palace Hotel", que pertence á Companhia dos Grandes Hoteis Centraes, organisada com elementos do "Hotel Avenida" e o "Hotel Globo", está sob a habil direcção do distincto cavalheiro, Sr. M. J. Carneiro Junior, auxiliado pelo Sr. Aurelio C. Peixoto.

MÁ IDÉA

Não merece outro qualificativo a estapafurdia proposta apresentada ao Conselho Municipal, de tributar os vendedores de jornaes e revistas. Não ha quem ignore as difficuldades enormes com que lutam as emprezas de publicações diarias ou periodicas, nesta capital, para vencer o indifferentismo publico.

Tributar agora, como se pretende, os vendedores ambulantes equivale augmentar indirectamente essas difficuldades e crear uma situação de ruina e desespero.

A galante Zizinha Rangel no dia da sua 1.ª communhão

A MULHER NA GUERRA ACTUAL

Uma senhora ingleza fez a um jornal socialista da Europa as seguintes declarações numa entrevista :

«...Falar-lhe-ei ao menos da mulher ingleza, com mais conhecimento de causa. Não é da suffragista, não é da mulher neste ou naquelle ramo commercial ou scientifico, mas dellas todas em geral. O Assumpto é palpitante e evidente. Os inimigos da liberdade da mulher,— que os existem e muitos, sobretudo nos paizes latinos, — devem estar atonitos perante os factos. A mulher ingleza durante a guerra, não é somente enfermeira, não é só ama, professora, «governess», litterata, jornalista, caxeira etc., profissões que sempre tinha desempenhado com brilho antes do conflicto. E' mais: destribue as cartas no arduo e responsavel mister de carteiro ; conduz automoveis e carros electricos ; faz todo ou quasi todos os serviços do homem nas estações do caminho de ferro, e, onde ha um anno era olhada como inepta. hoje é solicitada com fervor ! Mas ha mais : vigia a propriedade, persegue os bandidos, restabelece a ordem publica. affirma e garante a disciplina social, é *policewoman* emfim... Uniformisada convenientemente dirige os serviços nas ruas, em brigadas severas e respeitaveis.

Estão-lhe confiados altos cargos do Estado. E' chefe nos grandes armazens. Quer mais, meu senhor ?

— E a mulher vista pelo lado do humanitarismo, não se transtornou com essa intromissão nos serviços viris ?

— Ao contrario. Deixaram que a mulher ingleza provasse a sua capacidade para os mais altos ou mais responsaveis misteres, e, ella perdeu o animo arrogante de vencida, com honra, que antes possuia. E' ainda mais bondosa, mais terna, mais jovial. Com que amor acarecia os velhos e os fracos ! Com que ternura assiste aos enfermos ! Com que solicitude inicia subscripções por toda a parte para os feridos da guerra. Note que, por ser ingleza, eu não me esqueço das francezas, das italianas, das russas e, — meu Deus, porque não ? — das allemãs e das austriacas. Ah ! tenho provas da sua abnegação e do seu heroismo, do seu amor, da sua ternura e da sua adaptação a todos os serviços. Por toda a parte, — e falo-lhe não já como mulher só, mas como testemunha imparcial dos factos, — a mulher mostra-nos a sua grandeza de alma e de caracter. E disto tudo, o que podemos concluir ?

— As consequencias dos factos que lhe apontei são, nitidamente, a demonstração de que a Mulher pode muito, no coeficiente de energias moraes e physicas, por muito que os inimigos da sua liberdade contradigam. Veiu a guerra, entretanto. E, garantida essa liberdade, a superioridade da mulher affirmou-se. A minha querida patria ha de vencer. Mas fique quem quer que seja vencedor ou vencido, uma victoria pujante evidente e verdadeira ha de affirmar-se, depois desta guerra medonha: *a victoria da mulher !* »

A formosa Condessa belga Helena d'Ardey, de 18 annos, condemnada pelo tribunal marcial allemão a 3 mezes de prisão pelo crime de desacato ao Kaizer. A joven condessa e sua avó passeando em Ghent, tinham no peito medalhas com a effigie do rei Alberto, quando foram surprehendidas por soldados allemães.

O Mensageiro do Mal

Conheces-me? Eu sou o principio de todas as alegrias, o companheiro de todos os prazeres. o mensageiro da morte, o soberano que governa o mundo.

Estou presente em todas as festas e não ha reunião sem a minha presença.

Eu fabrico as traições, faço nascer nos corações os pensamentos criminosos, mancho a pureza dos lares, sou pae dos filhos sem pae, enveneno a raça, trago o aviltamento, a depravação, o suicidio, a loucura e o crime em todas as fórmas imaginarias.

Eu extermino as familias, persigo os avós em seus netos, faço perder a vergonha, a dignidade, a honra e a educação.

Eu ponho um véo sobre os olhos, sobre a consciencia e faço surgir o crime como vingança, a abjecção como passa tempo, a immoralidade como diversão.

Obrigo os maridos a rirem-se da infidelidade da esposa alheia, trabalhando assim — imbecis ! — para ruina da propria esposa ; por minha causa, moços e velhos se divertem a redigir epigrammas contra a moral e a religião.

Eu aspiro converter o mundo num immenso hospital, num manicomio.

Quero sangue, desolação, ruina, leviandades, rancores, guerras, desespero e blasphemia. Eu passo em toda a parte, conheço as regiões frias da Siberia e da Laponia e os ardentes climas do Egypto e da Italia ; eu tenho origem no trigo, no arroz, no milho, na cevada, no sumo da uva, na aveia. A minha patria é toda a terra, os meus escravos todos os homens e o que me envia é o principe do mal. Eu sei que me conhecem : mas não querem nomear-me porque ainda ha um resto de pudor dos nomes.

Eu sou... O Alcool ! !

Catulle Mendès.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Passa hoje o anniversario natalicio da Exma. Sra. D. Franklina Coelho dos Santos, digna esposa do nosso amigo, Tenente João Luiz.

Festejou a data de seu anniversario natalicio, no dia 22 do mez findo, a gentil senhorita Olga Rocha dos Santos, filha do Sr. Antonio Teixeira da Rocha Santos, funccionario da Imprensa Nacional.

No dia 26, a graciosa Mlle. Carmen Meira, filha dilecta do Sr. Antonio Meira, negociante e industrial nesta praça, festejando a sua data natalicia teve o feliz ensejo de verificar mais uma vez quanto é querida e apreciada pelo grande numero de amiguinhas que lhe foram cumprimentar nesse faustoso dia.

No dia 16 de outubro findo, festejando seu ditoso natal, Mme. Simpliciana da Silva Ramos, dignissima esposa do Sr. Arnaldo da Silva Ramos, offereceu ás pessoas de suas relações uma elegante "soirée" em sua bella residencia.

A senhorita Lavinia de Gusmão completou mais um anniversario natalicio em 21 de outubro findo.

No dia 27, passou o anniversario natalicio da graciosa Mlle. Virginia do Carmo, residente em Botafogo. Por esse motivo as suas muitas amiguinhas deram-lhe significativa prova de amizade reunindo-se alegremente em sua residencia.

CASAMENTOS

O Dr. Roseny Silva, filho do coronel Joaquim Pedro da Silva e de D. Maria A. da Silva, contratou casamento com a senhorita Aurora Nogueira de Vasconcellos, sobrinha do coronel Adolpho Vasconcellos, abastado capitalista nesta capital.

No dia 25 do mez findo, realizou-se o enlace matrimonial do 2.º tenente da Armada Jorge Paes Leme com a graciosa Mlle. Etelvina Americano Freire, filha do illustre contra-almirante George Americano Freire, director da Escola Naval.

Casou-se no dia 12 do mez passado o Sr. José Ferreira Baptista, negociante nesta praça, com a gentil Mlle. Albina Barbosa.

Foi celebrado em 28 de outubro findo o casamento da senhorita Mercedes Rebello Horta, dilecta filha do Dr. João Gomes Rebello Horta, director thesoureiro da Caixa de Conversão, com o Sr. Dr. Deodoro de Campos.

Com a senhorita Philomena Fagundes Rodrigues, filha do Sr. Philomeno Bicudo Rodrigues, contratou casamento o distincto academico de direito Palmyro Pimenta, filho do Sr. João Bicudo Pimenta, abastado capitalista.

O Sr. Arlindo Goulart Alves contratou casamento, que será celebrado em novembro proximo, com a gentil senhorita Julia Silva, filha do Sr. Paulino José da Silva, funccionario publico aposentado.

NASCIMENTOS

Está em festa desde o dia 13 do mez findo o venturoso lar do Dr. Alvaro Benjamin de Viveiros, estimado advogado e de sua muito digna esposa D. Esther Benjamin Viveiros, por motivo do nascimento de seu galante menino que recebeu o nome de Meryam.

Está em festa o lar do Sr. Eugenio Villa Verde e de sua distinctissima esposa Mme. Hirondina Barreiros Villa Verde, pelo nascimento de uma menina, que receberá o nome de Diva.

PRÓ FRAGELLADOS

Festival organi ado por Mme. Wenceslau Braz, na Quinta da Boa Vista

O casal Octacilio Martins e Georgina do Amaral Martins participam-nos o nascimento de sua filha Olivia.

BAPTIZADOS

Será baptizada com o nome de Margarida a interessante filhinha do Sr. João da Silva Baptista, negociante desta praça.

Foi baptizada em 22 de outubro findo, a innocente Vesta, filha do Sr. Julio Roberto Fernandes.

CONCERTOS

Diversos professores do Lyceu de Artes e Officios pretendem effectuar uma importante fsta litteraria, em 23 deste mez, no salão do "Jornal do Commercio".

Com selecto e distincto auditorio, o pianista paulista Alonso Annibal da Fonseca executou um concerto de apresentação á elegante sociedade carioca, em 20 de outubro findo, no salão nobre do "Jornal do Commercio".

Foram executadas com maestria e arte bellissimas composições de Beethoven, Choupin e Leiszt.

O joven pianista foi extraordinariamente applaudido, tendo agradado soberbamente á fina sociedade que o ouvia.

A principal nota "chic" deste mez será a festa do leque, que terá logar no theatro Recreio.

Os elementos para bom exito desse festival serão os melhores e os mais adequados a esse fim.

Já estão em poder dos promotores da festa dois bellissimos leques com a assignatura dos artistas Hippolito Lazzaro e Amelia Curci.

PRO' FLAGELLADOS

Festival organisado por Mme. Wenceslau Braz, na Quinta da Boa Vista

Instituto Secundario Feminino

Grupo de alumnas do 1º anno normal

Grupo de alumnas do 2º anno

MODAS E MODOS

NENHUMA modificação importante soffreram nestes ultimos dias as *toilettes* femininas e assim continuam dominando os mesmos feitios e as mesmas disposições.

Accentuou-se de um modo particular o uso dos vestidos vaporosos de voile, com flores, taffetá, rendas etc.

As mangas compridas, as jaquetas em gabardine, sarja ou drap, para passeio estão ainda em ordem do dia.

Para bailes, concertos e theatro as *toilettes* em taffetá, voile de sêda ou setim liberty, estão muito em voga.

Estas *toilettes*, entretanto, não pedem saias largas e curtas, como se usam commummente, sendo mais elegante, até que ellas tenham *demi-queue*.

As saias de robe *d'après-midi*, em geral confeccionadas em sêda, são guarnecidas de *bouillonnés* e *plissés*.

As saias continuam curtas á *godet* de tres metros de roda mais ou menos.

As jaquetas com *martingale* e com golla alta atraz são, actualmente, as mais usadas em Paris.

Reappareceram os costumes em sarja, drap, etc., estylo militar, com botões de metal, mas sem grande successo entre nós.

Côres da moda : A cor da grande moda presentemente, em Paris, é o verde resedá, as outras côres preferidas são : azul preto e rosa.

Tecidos preferidos : taffetá *souple*, gaze chiffon, crepe francez e gabardine para costumes tailleur.

Os Chapéos actuaes tiveram uma novidade interessante nas combinações de seda e palha e ultimamente a fórma *canotier* tem feito successo.

Ha outro modelo muito attrahente, em palha de fantasia com abas mais elevadas, guarnecido entre as abas e a capa por flores de velludo e pequenos laços de fita.

Mme. Benivides, recentemente chegada de Paris, trouxe os ultimos modelos de chapéos, alguns ainda desconhecidos aqui e que são verdadeiras creações da arte e bom gosto parisienses.

Vistosa *toilette*, uma das ultimas creações da afamada casa Butterick de Paris e Londres.

HYGIENE DA PELLE

Uma das melhores emulsões para a conservação e nitidez da tez, pois que evita o apparecimento de borbulhas, espinhas, cravos, etc., é a seguinte preparação que se usa á noite ao deitar-se, untando-se com ella a face e mais partes do corpo sujeitos a esses transtornos.

Tomam-se quantidades iguaes de espermacete e oleo de amendoas doces e levam-se ao fogo brando para que, se derretendo, se misturem e depois deixa-se esfriar tudo.

Aromatisa-se com essencia de rosas ou de outra qualquer flor balsamica e tem-se assim economicamente o tão afamado *cold-cream*.

BELLEZA DAS MÃOS

Eis aqui uma excellente receita :

Amendoas amargas	—	250 grs.
Farinha de arroz	—	60 »
Lyrio florentino em pó	—	15 »
Carbonato de potassa	—	7 »
Essencia de Jasmin	—	10 »
Essencia de rosas	—	10 gts.
Essencia de nerali	—	10 »

Soccam-se as amendoas descasadas em um gral de pedra, ajuntando-se-lhes pouco a pouco alguma agua para fazer uma pasta molle; ajunta-se depois, a farinha de arroz e o lyrio, mistura-se tudo; dissolve-se então o carbonato de potassa em um pouco d'agua, deita-se esta solução sobre a pasta e incorpore-se nella. Junte-se successivamente e por pequenas porções a espirito de jasmin misturado, mette-se a pasta num vaso bem fechado. Se o liquido não bastar para fazer uma pasta de consistencia conveniente, ajunte-se-lhe agua em quantidade sufficiente.

Os Chapéos da Moda

Chapéo de seda cor de rosa com copa alta de palha, aba dupla de tulle rosa orlada de velludo preto. Chapéo de crepe e aba de palha ingleza, levantada á esquerda. Chapéo de tulle celeste, franzido ao redor da cópa.

TOILETTES PARA BAILE

1°. — Toilette elegante em taffetá e musselina, *corsage* de musselina transparente de rendas e taffetá; saia de dois babados com fôfos da mesma fazenda.

2°. — Vistosa toilette em gaze preta, guarnecida de rendas e bordados, bolero, cinto-*corselet* de taffetá, saia lisa com os mesmos enfeites.

3°. — Radiante toilette em musselina, *corsage* em fichu, decote baixo, golla e punhos de rendas, cinto-*corselet*, saia de tres volantes guarnecidos de rendas.

Touca para usar no quarto. — Camisa de dormir. — Camisa de dormir e calça-saia. — Matinée e saia de seda. — Corpinho e saia branca. — Combinação e calça-corpinho.

PRO' FLAGELLADOS

Festival organisado por Mme. Wenceslau Braz, na Quinta da Boa Vista

Instituto Secundario Feminino

Grupo de alumnas do 1° anno

Grupo de alumnas do 1· anno, 3ª turma

Lacrimandus

A Maria José

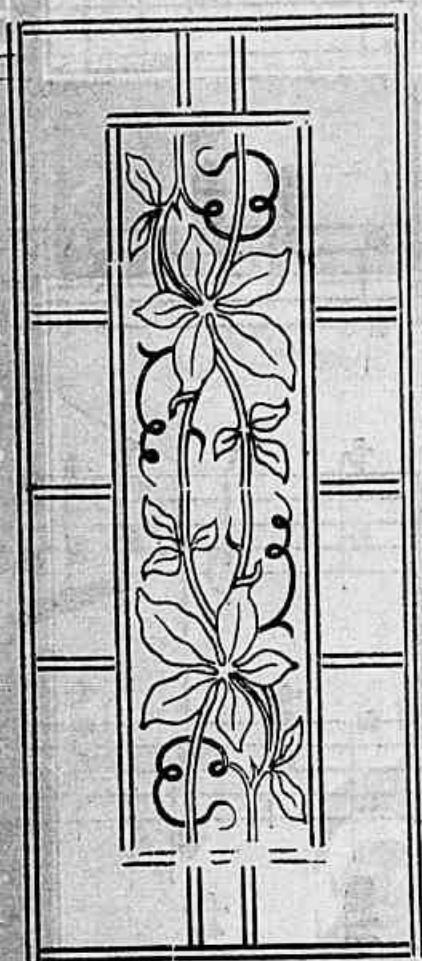
"Toda de branco e foram brancas flôres,
As que adornavam sua fronte fria,
Tinha nas faces traços de Maria,
Mas, parecia a Santa Mãe das Dores."

Por entre o véo de gaze que adornava
O seu semblante, pallido e risonho,
Parecia que alegre dormitava,
Embalada nas azas de algum sonho.

Um Christo de marfim tanto a fitava,
Pendente em sua cruz, meigo e tristonho,
Parecia que o Christo afugentava,
O que podesse perturbar seu sonho.

E os cirios, nos tocheiros lacrimavam,
Emquanto pela sala rescendia,
O perfume das flores que chegavam,

Tanta tristeza em tudo transpirava,
Havia tanta dôr, que... parecia
Que o Christo de marfim tambem chorava.

Oscar Meira

Clubs do "Boqueirão" e "Natação" nas ultimas regatas realisadas na enseada de Botafogo

SONETOS

NOSTALGIA

PARA Y...

De uns olhos negros, feiticeiros, vivos,
Eu trago nalma a nostalgia amára,
E penso, ao vêl-os, divinaes, altivos,
Que outros mais bellos, Deus, ninguem, sonhára...

Tanta gente!... milhares de captivos
Procuram a luz albente e meiga e clara
Que esses olhos rasgados, expressivos,
Lançaram nalma sã que os procurára...

Tanta gente opprimida e ninguem quer
Ser liberto, ninguem, ninguem deseja
Quebrada a seducção dessa mulher!...

E eu tambem peço a Deus que a extrema uncção
Que eu tenha, á morte, desses olhos seja
O adamantino e dulcido clarão.

1914—Belem

Araujo dos Santos

Soneto rôxo

A' alguem

Fica bem rôxo o coração da rosa
Quando lhe foge o colibri amado,
E o peito do cantor apaixonado
Tem a roxura da canção chorosa.

A mãe que perde um filho, desditosa,
Traz no peito bem vivo e bem gravado
Um rôxo triste, eterno, amargurado,
Que a faz chorar sentida e pesarosa.

Eu penso que na vida todo o mundo
Tem um "rôxo" no peito, bem no fundo,
Embora viva alegre e prazenteiro.

Na vida quanta vez não é preciso
Deixar brincar nos labios um sorriso,
Tendo bem rôxo o coração inteiro!

Lavras — Minas

J. Maximo.

ATRAZ DE UM LEQUE

Sei que era num cinema... O que havia na tela?
Um romance de amor? Um drama triste e aziago?
Uma floresta?...Um mar fremente? Um manso lago?
Não sei... Só sei que via os lindos olhos d'Ella.

Lembras-me, como um sonho etereamente vago
Aquella noite... A luz, discretamente, áquella
Sala dava o palor de mal escura cella
Feita só para o amor e as delicias do afago.

A musica em surdina, era como se fosse
Um queixume de amor, distante, muito doce,
A accender dentro em nós as chammas dos desejos...

E, emquanto lá na orchestra a musica gemia,
Entoavamos, nós dois, a extranha symphonia
Da chromatica escala espiritual dos beijos.

Ponte Nova, 1915.

Donanejis.

ULTIMOS

A' UM CORAÇAO TEIMOSO

Varre da fronte esse prazer, retira
Das faces tuas a mystica alegria;
Não vês como definha a pobre lira,
N'um ultimo extertor dessa agonia?!...

Esquece-te d'ess'alma que suspira
Nos ultimos accordes da elegia;
Dessa canção sublime que se ungira
No meigo e doce labio de Maria.

Esquece-te de mim, dos meus queixumes,
Das lagrimas fingidas, dos ciumes,
E dos versos mal feitos que te dei...

Eu, lá então, no tumulo sagrado
Além, das rôxas flôres do Passado,
As tristezas da vida eu guardarei!...

Tijuca, 30-VI-915

Magnolia Triste.

Febre de beijos

Quanta gente ha que morre por um nada!
Morro, talvez, mas por um beijo teu;
Maria, em sua adoração sagrada,
Não beija as faces de Jesus no ceu?

Não beija o sol os prantos da alvorada?
A mãe não beija o filho que nasceu?
Não beija o esposo a esposa idolatrada?
Eu só não posso te beijar, só eu!?

Ah! quanto fel nessa esperança doce
P'ra mim que sou teu dedicado amigo!
Pudesse ao menos uma vez que fosse,

Do espaço onde vagueia o meu desejo,
Prisioneiro cahir, para castigo,
Na Gaiola Dourada do teu Beijo.

Benjamin Costa.

ADEUS

Adeus, formosos olhos luminosos,
De enervantes pupillas sensuaes,
Adeus olhos sombrios, tenebrosos,
Onde rugem ciumes infernaes.

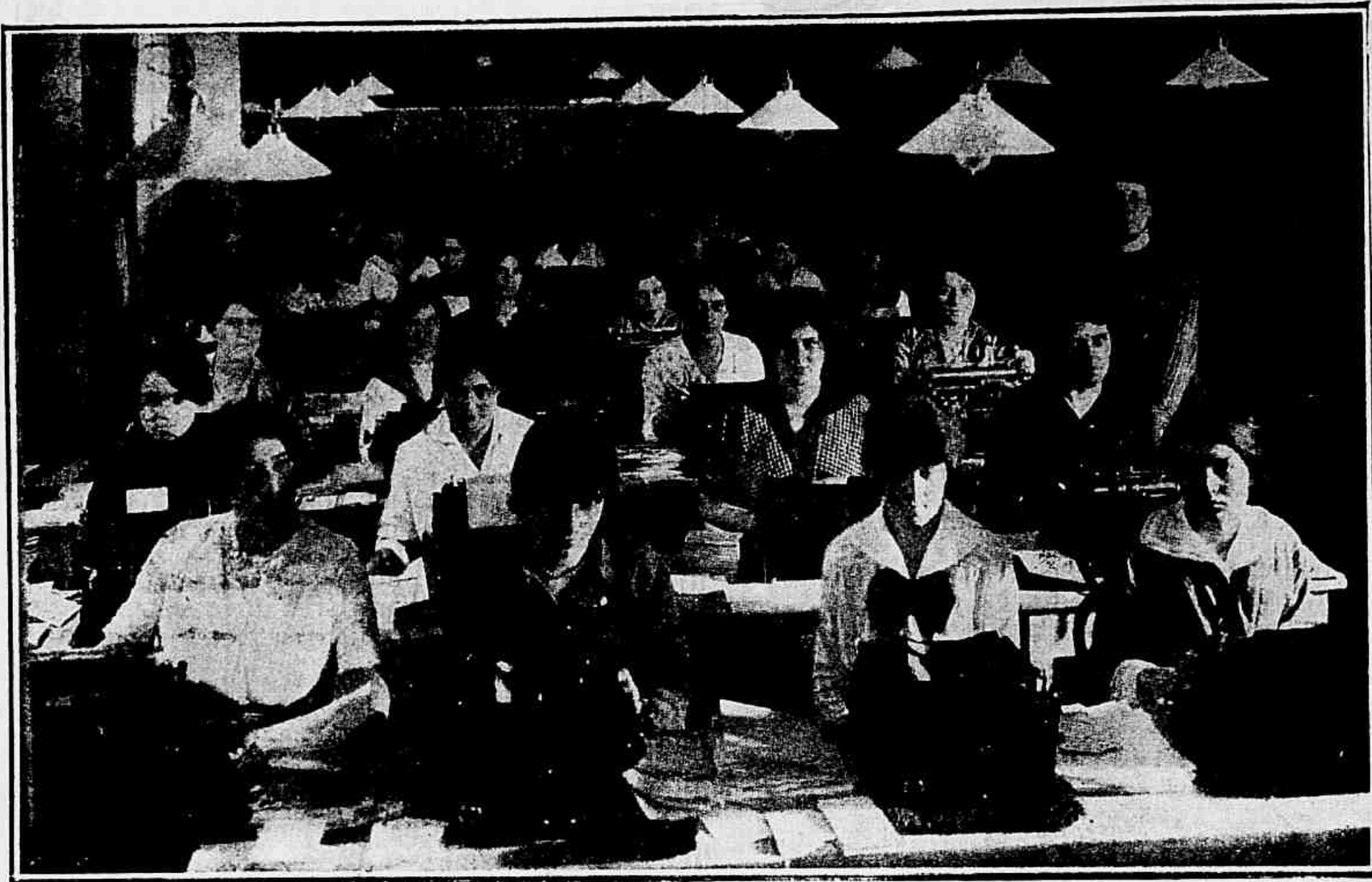
Adeus formosos olhos perigosos,
Olhos que ferem como dois punhaes.
Quando fitam, despedem venenosos
Scintillações vibrantes e fataes.

O magico explendor do paraiso,
Em meus sonhos de amor e de ternuras
No teu olhar enganador diviso.

Adeus, pupillas fulgidas, escuras...
Que assim me destinaste de improviso
A morte como fim das desventuras!...

Rio, 19 de Agosto de 1915

Amelia Napoli

UM NOVO SERVIÇO DA CRUZ VERMELHA

Quando se creou essa bella e humaninaria instituição, não foram poucos os artigos que se escreveram contra ella. Muitos foram os descrentes que a proclamaram uma phantastica aggremiação que se organisava com o fim unico de se locupletar com o dinheiro dos governos.

E muitas dellas têm, entretanto, uma vida completamente á parte dos Estados. Não recebem subvenção nenhuma e cuidam dos feridos com o mesmo carinho e dedicação com que cuidam as subvencionadas.

E cada vez vae ella extendendo mais seu campo de acção. Procura minorar os soffrimentos physicos daquelles que cáem varados pelas balas, e procura ao mesmo tempo suavisar os soffrimentos moraes daquelles que, longe, esperam as noticias dos amigos e dos parentes que seguiram para a campanha. E o que mais admiração causa, e que as mulheres são as organisadoras de todos esses novos emprehendimentos, aos quaes se entregam quasi que com fanatismo.

Essa notavel e tão extraordinaria instituição que tantos e tão relevantes serviços tem prestado á humanidade, acaba de inaugurar em Genebra uma repartição com o fim de descobrir o paradeiro dos soldados desapparecidos. E' uma iniciativa louvavel que não tem encontrado, talvez por milagre, nenhum obstaculo da parte das nações combatentes.

Essa nova secção da Cruz Vermelha, onde trabalha um grande numero de mulheres, assim que obtem uma informação qualquer, logo a communica á familia ou a quem quer que seja que a tenha pedido.

De todos os logares, onde já chegou a noticia da creação dessa succursal da caridade, chegam cartas pedindo informes, de um filho, de um páe, de um irmão, informes que são immediatamente requisitados dos belligerantes pelas damas humanitarias.

Mas tudo isso, é necessario que se o note, passa-se na Suissa, em um paiz eminentemente neutro. Nos outros paizes é provavel que o odio não permittisse esse movimento de humanidade e de amor ao proximo.

E emquanto nas linhas de fogo trabalham inclementemente as carabinas nas simples salas, onde não existe o facil coquettismo, trabalham as machinas de escrever. E conquistarão essas resignadas raparigas o reconhecimento ou mesmo a gratidão? As pobres desapparecem e passam despercebidas talvez".

Essa nova secção da Cruz Vermelha cuida e transmitte tambem as reliquias. Existe uma sala, chamada a "sala das reliquias.

O soldado morre e tudo o que lhe pertence volta á patria: carteira, medalha, etc. Nas mesas se amontoam os sagrados vestigios e nada tão triste como o fulgor de uma joia banhada pela luz da recordação. E é assim que alli se trabalha humildemente, em silencio e sem espalhafato.

A's familias que não pódem receber pessoalmente essas reliquias, essa nova instituição remette-as pelo correio. E não obstante a caridade expontanea dessas bondosas mulheres, entre as cartas que lhes chegam ás mãos, ellas recebem muitas reclamações . . .

Conta-se que houve uma occasião em que a humanidade foi flagellada por terriveis males.

O Padre Eterno, penalisado, resolveu descer lá das alturas, afim de melhorar o estado de cousas.

A' proporção que conhecia o mal de cada um, remediava-o.

Depois de muito viajar praticando o bem, chegou em um bairro onde havia uma choupana infecta. Ahi penetrando, deu com um tugurio, onde jazia uma velha, e tudo em redor denunciava a ausencia de tudo quanto nutre a humanidade. Os ratos e baratas magros, passeiavam buscando migalhas que não encontravam.

Era a casa da miseria.

O Padre Eterno, com profunda magoa, exclamou:

— Velha de olhos encovados, porque soffres? Levanta-te e farte-ei de que precisares.

A miseravel creatura olhou sinistramente para o Padre e disse, o que muito sorprehendeu o Senhor dos mundos:

— De nada preciso, estou muito contente com a minha sorte.

O Padre Eterno, mais commovido ainda, retrucou:

— E' impossivel que de nada precises e si tens necessidade pede, que tudo te darei.

A misera replicou:

— De nada tenho necessidade, mas si és mesmo o Padre Eterno, uma só cousa te peço.

— Dize, a tua vontade será feita.

— Tenho no quintal umas figueiras, nas quaes todos os dias os meninos, zombando de mim, logo pela manhã, vêm aos bandos, roubam todos os figos e correm não podendo eu alcançal-os, por isso quero sómente que todos aquelles que treparem nas minhas figueiras fiquem grudados até que eu os solte.

— Dou-te esse poder, lhe disse Deus; é bastante abrires as mãos do lado das figueiras que todos que estiverem nellas, ficarão grudados.

Sahindo o Padre Eterno, a velha foi preparar um relho, que pendurou numa porta e, de momento a momento, ia visital-o. Não dormiu durante toda a noite, pensando na vingança do dia seguinte.

Amanhecendo, os meninos assobiavam alegremente pelas ruas. A velha de relho em punho, os espreitava.

Subito, o muro encheu-se de meninos, que, como de costume, todos os dias se fartavam de figos da velha sem nada terem a temer.

Subiram ás figueiras e estavam já promptos para comer, quando a velha abriu as mãos em direcção ás arvores

Rosina Moreira,
Residente em Ribeirão Vermelho

e todos ficaram grudados. A velha, muito alegre e socegadamente, foi para elles, que gritavam procurando escapar; inuteis foram os seus esforços.

A velha deu-lhes uma grande sova e deixou-os.

Mais tarde, mais contente ainda ella voltou, dando-lhes nova sova.

Finalmente, depois de incessantes pedidos e de terrivel gritaria, a velha soltou-os.

Elles nunca mais voltaram.

A velha vivia muito satisfeita.

Passado um mez, mais ou menos, a Morte, com seu aspecto hediondo, appareceu, dizendo:

— Minha velha, acompanha-me, não ha tempo a perder, estás mesmo na hora.

A Morte pediu-lhe mil desculpas, dizendo que tinha muito trabalho e não podia esperar mais.

A velha, atemorizada, disse então:

— Oh! Morte, tens trabalhado muito, deves estar com fome, descança um pouco, sóbe aquella figueira, come alguns figos e, emquanto isso, eu vou-me despedir dos meus parentes e em breve estarei ás tuas ordens.

A Morte accedeu, e foi subir nas figueiras; apenas ella subiu na primeira, a velha abriu as mãos em direcção e a Morte ficou grudada.

A velha despediu-se dos parentes, voltou e a Morte alli estava desesperada com tanto trabalho que tinha para fazer.

— Ainda estás ahi? lhe perguntou a velha.

A Morte respondeu:

— Estou.

— Pois fica ahi mesmo, respondeu a velha.

Ninguem mais morria.

Mmuitas vezes trabalhadores cahiam dos andaimes altos. Iam para ver o morto, mas nada acontecia; era só o susto.

Os navios iam a pique e todos se salvavam.

Os padres estavam incommodados, porque não encommendavam mais defuntos e não tinham mais ganho.

Todos estavam sobresaltados porque o mundo se estava enchendo.

Começou então o povo a procurar o motivo, por que niguem mais morria. Finalmente, depois de muitas pesquizas, souberam que a Miseria tinha prendido a Morte e não soltaria mais emquanto ella não garantisse que não a procuraria mais nunca.

Muitos padres reuniram-se então e foram ter com a Miseria, pedindo que soltasse a Morte. Esta replicou:

— Não a solto senão serei eu a primeira que vou.

Os padres, deante desta recusa, foram ter com a Morte e fizeram dar palavra que nunca procuraria a Miseria.

Esta então, diante da promessa, soltou a Morte.

A Miseria nunca mais morreu; eis a razão pela qual ella está espalhada pelo mundo e nunca mais se acaba.

A menina Beatriz Mello Brandão, na sua primeira communhão

Elisa e Angelina Cilento, filhas do Sr. Fernandes Cilento

A VERDADE

Eu vou falar, nestas poucas linhas, sobre uma grande virtude — a verdade. Quem não conhece a verdade ?

Até a mais pequenina creança quando não pratica esta virtude sabe que faz o mal.

Pouca gente é capaz de dizer — fui eu quem fez isto.

Napoleão, este grande homem, dizia para seus soldados: "melhor para mim morrer fuzilado, do que um dia não dizer a verdade". Para exemplo desta virtude, cito um facto que se deu na guerra de 1870 entre a França e a Allemanha.

Quando em 1870, a França declarou guerra á Allemanha, aquella invadia subitamente o territorio allemão. Numa pequena localidade, nas fronteiras, tinha um pequeno grupo de soldados, que só tiveram tempo de fugir por causa dos allemães, em numero muito superior.

Os prussianos encontraram então um mocinho de 16 annos mais ou menos, vigiando as cabras. Um allemão avançou para elle e perguntou-lhe para onde tinham fugido os francezes. Foi um silencio entre os dois. Então o official lhe perguntou uma segunda vez; outro silencio igual ao primeiro.

E o official zangado, chamou dois soldados e mandou o menino á presença do capitão.

Este lhe perguntou:

— E porque não respondestes ao official?

— Porque, diz elle num tom de coragem e de firmeza, porque para dizer a verdade, eu sou patriota, não quero trahir minha patria, e para mentir, eu prefiro morrer.

E o official furioso com tal acto, manda fuzilal-o. E quando os soldados iam descarregando as carabinas, o official lhe perguntou uma ultima vez, se preferia dizer ou morrer.

E o bravo francezinho morreu, martyr da verdade.

Waldemar Cardoso.

(Alumno do 1.º anno complementar do Gymnasio Federal.)

Milton, José e Maria de Lourdes, filhos do Tenente Coronel Bernardino Gonçalves, commerciante e proprietario na cidade de Padua, Est. do Rio.

ACTIVIDADE

Olhae em redor de vós e achareis o universo cheio de movimento e de actividade. A acção por assim dizermos, é o genio da natureza.

Com o movimento e bulicio se conserva o vigor dos entes, a perfeição do total das existencias nasce de continuamente se moverem as differentes cousas subordinadas umas ás outras.

Volvem continuadamente os corpos celestes. Sem parar repetem o dia e a noite o seu acostumado curso.

Na terra e no mar ha perpetua inquietação. Nada neste mundo repousa. Tudo vive e se agita no universo, e no meio desta animada e mutavel scena o homem somente deve ficar em repouso? Pertence-lhe acaso ser o unico filho da creação a quem quadre o descanço e a preguiça, quando por tantos modos, pode melhorar a propria natureza e contribuir de sua parte para o bem commum?

Blair.

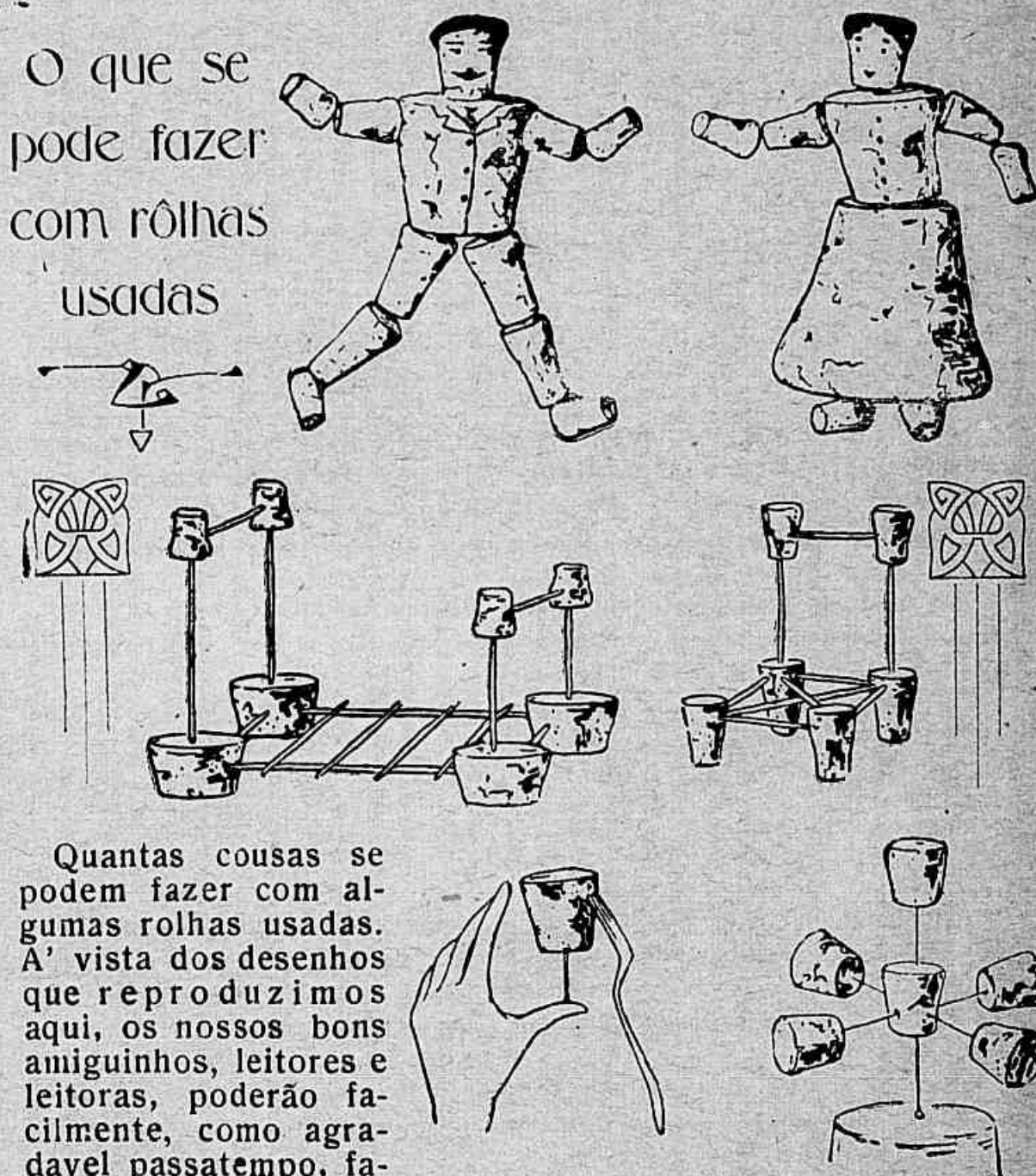
SIMUN OU CAMSIN

O violento e destruidor vento, chamado no Egypto "camsin", e na Arabia "simún", é um dos phenomenos mais maravilhosos da natureza. Quando esta tempestade do deserto começa, os viajantes não podem attravessal-o sem se arriscarem a morte quasi certa. Os camellos que sentem duas ou tres horas antes a approximação da terrivel rajada, voltam-lhe as costas e fincam os pés na areia. Trabalho baldado fôra querer tiral-os desta postura, ainda que estejam sem comer, nem beber, uns poucos dias, que uns poucos delles dura ás vezes o furacão. A Providencia deu a estes animaes semelhante instincto, que nunca o engana. Advertidos por este signal, os homens tratam de tomar as necessarias precauções. Não basta pôr os cavallos n'alguma abrigada; é preciso tambem cobrir-lhes a cabeça e tapar-lhes as orelhas;; aliás seriam afogados por turbilhões de areia subtilissima, que o vento furioso traz diante de si. Os homens reunem-se em tendas, cujas entradas e fendas tapam com todo o cuidado, depois de se terem provido de agua, que põem em sitio onde facilmente possam lançar mão della: deitando-se, depois, no chão com a cabeça bem embrulhada, e assim estão até passar o furação devastador. Furiosas rajadas levantam nuvens de areia abrazada, que fórma redemoinhos inpetuosos, e derruba quanto encontra no caminho, e amontoa-se em grandes medões. Se toca em alguma parte do corpo humano, as carnes ficam queimadas, como se lhes houvessem chegado um ferro em braza. A agua chega a ponto de ferver, e a temperatura do ar nas tendas é a da mais quente estufa. Desgraçados daquelles que não poderam pôr-se a salvo da tormenta. Quando o "simun" chega a dar na cabeça de alguem, rebenta-lhe logo o sangue ás golfadas pela bocca e pelos narizes: a carne incha-lhe, faz-se-lhe negra, calcina-se como se tivesse sido mettida num forno a arder, e o infeliz expira dentro de alguns minutos.

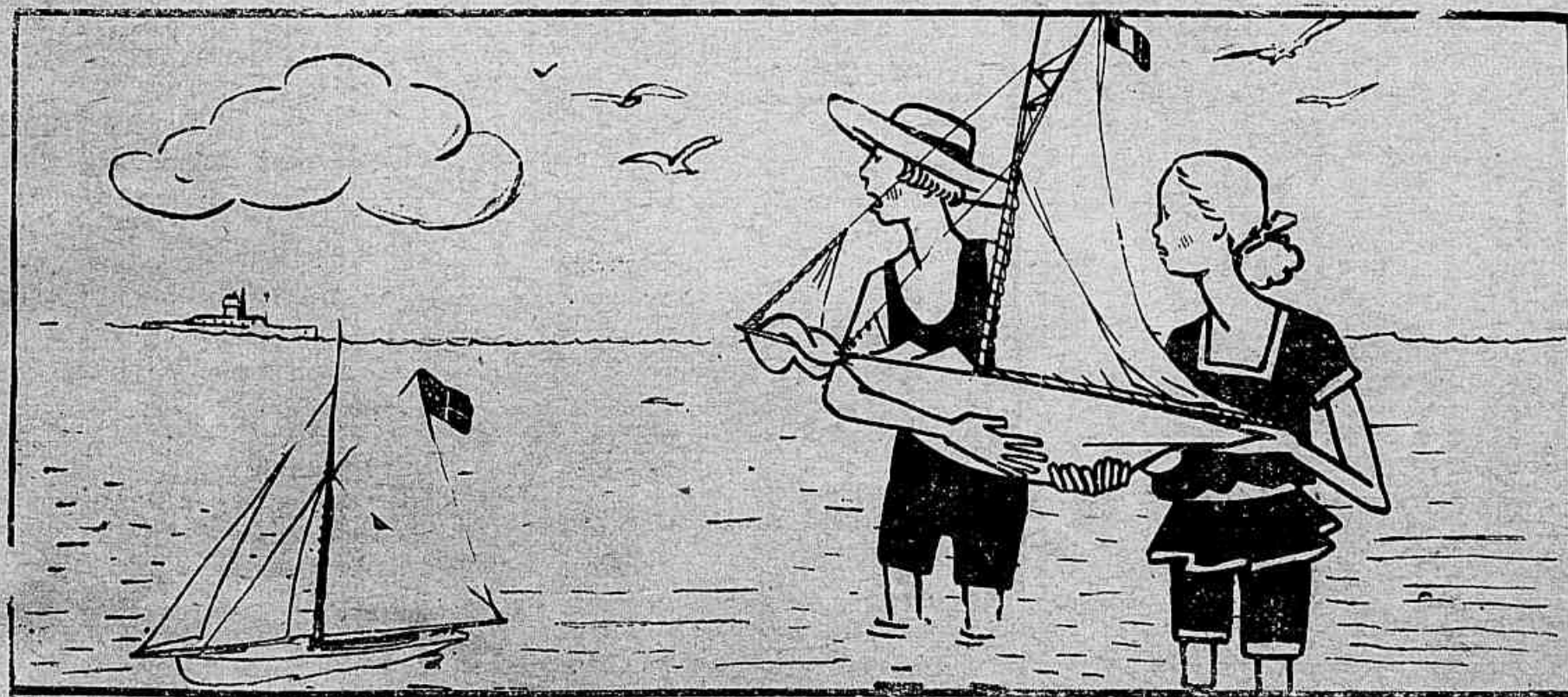
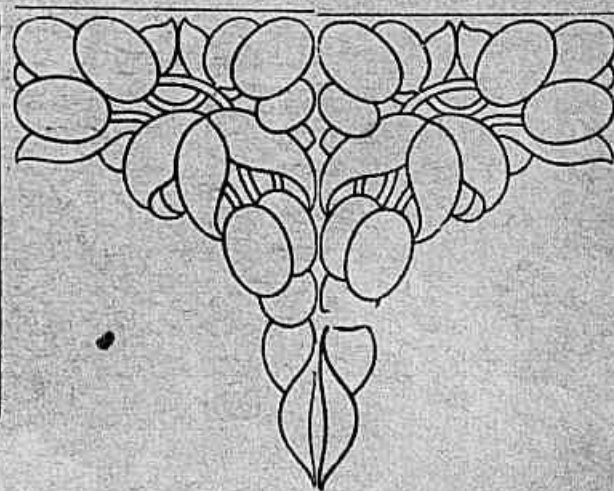
Este vento ardente é, por via de regra, precedido de um meteoro avermelhado, que enche grande porção do horizonte: um activo cheiro de bitume, que sae daquella cerração avermelhada, annuncia o "simún". A nuvem vae-se engrossando, por fim estoura, e a areia escurece o ar por tal modo, que é impossivel ver nada tres varas adiante dos olhos. Alguns viajantes asseveram que tribus de arabes, e caravanas inteiras, têm sido sepultadas debaixo dos medões de areia que o vento amontoa; mas estas narrações são por ventura exaggeradas.

Rupel, viajante allemão, de grande saber e tino, tendo experimentado parte dos effeitos deste singular vento, quando passou de Suez ao Cairo, nos deixou uma descripção do "camsin" ou "simún", a qual parece explicar a causa deste phenomeno.

Elle, e a caravana em que ia, achavam-se no fim do deserto, e apenas a sete horas de caminho longe do Cairo, quando o vento começou a soprar violentamente do susueste, e foi augmentando, até se converter num furacão perfeito: o pó e a areia andavam em um tal redemoinho, e faziam tão densas nuvens, que os camellos carregados não se podiam ver na distancia de cincoenta passos. Neste tempo ouviu-se um estouro debaixo do chão, cujo som ia correndo ao longe, e os viajantes sentiam uma sensação dolorosa quando o vento lhe batia de chapa nos corpos: esta sensação assemelhava-se á que produziriam as picadas de grande numero de agulhas finissimas. Primeiramente Rupel attribuiu esta sensação ás minutissimas particulas de areia, que a violencia do vento arrastava comsigo; mas querendo apanhar algumas destas particulas, achou que era impossivel alcançal-o, e immediatamente lhe veio á idéa de que o sentimento doloroso que experimentava, e o ruido que ouvia correr por baixo do chão, procederiam da electricidade; idéa esta de que ao mesmo tempo eram provas aquelles dois factos. Rupel se confirmou mais na sua opinião, vendo eriçarem-se os cabellos dos seus companheiros, e que as picadas com mais violencia nas juntas e nas extremidades do corpo. Expondo depois uma folha de papel contra o vento, nem viu nem ouviu bater nelle particula alguma de areia. De tudo isto concluiu que o sentimento doloroso que produz o "camsin" é resultado da electricidade.

O que se pode fazer com rôlhas usadas

Quantas cousas se podem fazer com algumas rolhas usadas. A' vista dos desenhos que reproduzimos aqui, os nossos bons amiguinhos, leitores e leitoras, poderão facilmente, como agradavel passatempo, fazer alguns bonecos, uma cadeira, ou uma cama; dispondo apenas de algumas rôlhas e tres ou quatro pedaços de arame.

Poderão mesmo, se quizerem, obter uma "carrapeta" ou um "bolinete" com uma rôlha, um alfinete e um garfo.

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

CUIDADO COM OS SUBMARINOS...

Torneios Charadisticos

Segundo torneio. — Soluções dos problemas publicados no numero 30:

Modorra — mora; Garoto — gato; Venezuela — vella; Fauno — fano; Mondengo — mongo; Catalago; Excelso; Arrufo; Milton; Secretaria; Diverso; Lilia; Desgosto; Amaro — orama — aroma — amora; Sogra — argos.

Decifradoras: Ailez, Clio, Colibri Chrysanthéme d'Or, Euterpe, Farfalla Azzurra, Garota Nonicia, Isabel Aguiar, Junulino, Menina de Chocolate, Roitelet, Rosa Pernambucana, Verda Stelo e Zilda: 15 pontos; Mercês: 14 pontos; Melpomenes e Mystica: 13; Carolina da Fonseca: 12; Pasquinha: 8; Antonietta Mandarino, Singela, Mar-Dag e Ivna: 1 ponto.

Quarto torneio — Premios ás duas decifradoras que alcançarem maior numero de decifrações e a autora do melhor trabalho.

Premios extraordinarios: ás autoras dos melhores trabalhos em segundo e terceiro logares: — Meia duzia de caixinhas do perfumoso, aromatico, persistente e delicioso pó para perfumar a roupa — **Eden-Floral.**

Condições — As charadistas que desejarem concorrer aos torneios deverão dirigir-se por escripto ao encarregado desta secção, enviando os verdadeiros nomes, pseudonymos e residencias.

Os trabalhos enviados para publicação devem vir acompanhados das soluções e escriptos em um só lado da tira do papel em que forem escriptos.

Os logogriphos devem conter, pelo menos, quatro soluções parciaes e as letras do conceito final não excederão de vinte.

As soluções devem ser enviadas: pelas decifradoras desta Capital, dentro de vinte dias; pelas decifradoras dos Estados do Rio, Minas e São Paulo, dentro de vinte e cinco dias; e dos outros Estados, dentro de quarenta dias, prevalecendo sempre a data do carimbo do correio.

As listas deverão trazer o total das soluções encontradas e nessas listas não serão escriptas outras cousas quaesquer.

Só serão aceitas as cartas que vierem acompanhadas do "coupon" abaixo inserto. Quanto a votação, cada "coupon" representa um voto e, para um problema, poderá ser enviado qualquer numero de "coupons" por uma só pessoa e desde o inicio do torneio até a data que for determinada. No "coupon" serão indicados o numero do problema e o nome da autora.

Diccionarios adoptados: J. I Roquete e Simões da Fonseca.

Problemas ns. 1 a 9

Charadas novissimas

3-2 — A brejeira escarnecia da fraude.

Farfalha Azzurra.

Dedicada a Zilda.

2-1-1 — Não sahio a nota principal do dobrado porque o musico estava cançado.

Cycy.

A' Mercês.

2-1 — Alguma cousa em Santarém é alguma cousa.

Maluquinha.

1-1 — Não chora porque a planta dá muito dinheiro.

Nemrac Ladiv.

1-2-2 — De Macahé veio a planta no rol do abastado.

Balbina Garcia da Silva.

2-1 — Alto! Tudo que têm os ricos eu dou as minhas decifradoras.

Verda Stelo.

2-2 — A cauda prendeu-se a rotula da vendedora de fructas.

Euterpe.

2-2 — Nessa vida não perco o meu tempo, por isso não embarco nesta canôa.

Colibri.

2-2 — Apre! fuja, mulher, desse agouro!

Chloris.

Problemas ns. 10 a 12

Charadas néo-bisadas

2-3 — M A tez é custaceo.

Garota Nonicia.

2-3 — L E no ardor do alento.

Clio.

2-3 — N A dança se é maltrado.

Ailez.

Errata

São 1 — 2|3 as syllabas do problema n.° 40; e em vez de "nasci", é "resido" o conceito do problema n.° 50.

CORRESPONDENCIA

Mysteriosa — Somos inimigos dos mysterios; todavia, acceitamos a vossa collaboração.

Papillon Rose — Satisfazemos como vêdes o vosso pedido. As explicações serão publicadas no proximo numero.

Cycy — Muito nos orgulha a inclusão de mais uma flor em o nosso ramalhete. Os trabalhos são bons.

Mercês — Pedimos que nos envieis explicações sobre o vosso enigma.

Farfalla Azzurra. — São difficeis os problemas que nos enviastes.

Junulino — Salve! O vosso regresso foi cordialmente festejado.

Souci, Verda Stelo, Santinha, Sinhá Velha, Noemia B., Maluquinha, Mar Dag, Chrysantheme d'Or. — Recebemos.

Menina de Chocolate e Euterpe — Agradecidos pela visita; sentimos não nos terdes encontrado.

Mlle. Alzira — Perdoae-nos. No proximo numero.

M. Angouléme — Fomos forçados a modificar, devido ás reclamações.

ORAMA.

As pessoas nascidas na primavera são geralmente mais robustas de que as nascidas nas outras estações.

PROSA E VERSO

Sympathia e Amor

A Sympathia e o amor são duas entidades conjugadas!... Ambas concorrendo para um só fim, formam um lindo drama militar cujo preludio é desempenhado pela primeira dos conjuges. Sem um, não nascera o outro!...

O amor só inicia o prélio ou o seu ataque quando ouve a voz melliflua da sympathia, annunciando a installação da base de operações!... Bem caracterisado que esteja, o amor iniciará ou não a offensiva. E isso, fal-o-á por lances successivos em busca da presa adversa. Tudo, para impôr a sua vontade!... Sem este prelimniar, o a m o r não aflorará absolutamente ente algum. Por conseguinte, superfluo é empregar energia em prol de semelhante fim qundo não obedecem a esta norma; a prova cabal, é o desmoronamento diario, que se vê, dos lares em suas primeiras phases de progresso, como uma folha em equilibrio a espera de um pequenino sopro da brisa.

Pobres mães!...victimas dos paes interesseiros e pauperrimos em intelligencia: A base de operações é precedida de um ligeiro reconhecimento em que se devem colher certos e determinados dados physicos impressionantes á vista. Isto feito, constitue um apoio para o gladiador. Deante desta situação geral, elle romperá ou não as hostilidades: no primeiro caso, terá o ente consciencia exacta da acção, sem pressão alguma e impavido do arrependimento futuro, no segundo caso o amor soffre, por influencia, os factores especiaes que o obrigam a permanecer quieto e mudo como o granito e cobarde como "judas".

Para haver o rompimento, isto é, a manifestação do amor, não basta só ter a sympathia!... não... é indispensavel haver outro reconhecimento mais complexo. Deste reconhecimento, devem sobresahir muitas qualidades moraes que sirvam de estimulo para o amor abordar o fim collimado. Sem satisfazer, pois, essas condições physicas e moraes, o amor não romperá o envolucro q u e o prende. E', portanto, a sympathia a base do amor; e o amor sem ella não brotará

Liége Rosa

PEZAR

A' B.

Eu sempre nos meus versos,
que são sincero preito
de estima e de respeito
aos bellos dotes seus,
mostrei ser cavalheiro;
e Ella, no entanto, pensa
que ha nelles uma offensa...
Mas que injustiça, Deus!

Ah! quantas vezes penso
na grande magua minha:
jamais uma só linha
da sua mão terei!
Mão linda de princeza,
cuja lembrança infinda,
feliz, conservo ainda
da noite em que a apertei...

Rio, Setembro de 1915.

Arminio de Lima

Finados!

Ao Sr. F. A. Pereira

O dia dos mortos surgira lugubre e triste...

O céo, que até então estivéra limpido e bello, se mostrava carregado de grossas nuvens negras...

Não impedia, entretanto, esse máo estado do tempo, que os saudosos fossem visitar os mortos queridos e levar-lhes as flores da saudade.

No campo solitario, nossa derradeira morada, muitas pessoas, de pé ou joelhadas junto ás rasas sepulturas, ou aos ricos tumulos, oravam.

....

Com a cabeça encostada a uma cruz de madeira, unico ornamento de uma singela sepultura, um joven, vestido de preto, chora copiosamente ha muitas horas, não temendo a chuva que ás vezes cahia fria e penetrante.

Orava!...

Varias pessoas, condoidas da dor do moço, procuravam afastal-o do logar, onde devia estar, para elle, um corpo querido. Porém nada fel-o interromper a fervorosa prece.

Somente quando, na capella do campo santo, soou funebremente a Ave Maria, oi que o mancebo, cambaleante, transtornada pela fadiga e falta de alimento, deixou o cemiterio.

....

O infeliz orphão orara, na morada mortuaria de seu pai, por alma de seus queridos e saudosos paes...

1 de Novembro de 1915 — *Ernestina.*

CANÇÃO DO LUAR

Luar, alma do espaço, ó luz bemdita e pura!
Quando te vejo vir, quando no céo fulgura
Tua face luzente, eu sinto a alma enlevada
Como num sonho, ao som de magica ballada!...
Adoro-te ao cahir da noite silenciosa
Quando no espaço se ergue a lua vagarosa,
A noiva do infinito, a sonhadora lua
Na volupia do céo mostrando a carne nua!...
Adoro-te, ó luar branco, ó luar bemdito,
Que abres, sorrindo, á terra, as portas do infinito!...

Quando passas por sobre os montes, sobre as casas
Como enorme gaivota abrindo as brancas azas,
Cega-me a tua luz, julgo que vou comtigo
Pelos ignotos céos e que a sorrir te sigo
Por onde vaes passando em tuas caminhadas,
Revolvendo o mysterio escuro das estradas,
Parando na cidade, entrando nas aldeias,
Beijando o monte, o mar os campos e as areias,
Emfim, deixando em tudo a tua luz brilhante,
O' sonhador luar, luar bohemio e errante!...

Adoro-te, ó luar branco, ó luar bemdito,
Que abres, sorrindo, á terra, as portas do infiinito!...

Soberano da noite, em teu reino de prata
A belleza do céo formoso se retrata!...
Vejo na tua luz de amenos tons risonhos
A minh'alma a scismar na gondola dos sonhos!...
E longe, muito ao longe então, meu pensamento
Galga veloz, subindo o vasto firmamento!...

....

....

O' tempo que vivi feliz quando era creança!
Foste como essa luz que me enche de saudade;
O luar me faz ver (dolorosa lembrança!)
A legenda Infantil de minha Mocidade.

Benjamin Costa.

DE TUDO UM POUCO

Com quem devemos casar

Um professor norte-americano sustenta a theoria de que o mez em que se nasce tem grande influencia sobre o temperamento da pessoa e que os individuos se defferenciam uns dos outros conforme a estação do anno em que nasceram.

Os noivos nascidos em mezes contrarios serão infelizes e não haverá entre elles a precisa harmonia conjugal; em compensação os nascidos em mezes que se attrahem, viverão felizes.

Os homens nascidos no mez de Janeiro devem se casar com mulheres nascidas em Maio; os nascidos em Fevereiro, com as nascidas em Fevereiro; os que vieram ao mundo no mez de Março devem preferir as mulheres nascidas em Junho; os nascidos em Abril se devem casar com as mulheres nascidas no mez de Agosto; os nascidos no mez de Maio, com as nascidas em Junho; os do mez de Junho com as de Outubro; os de Julho com as de Março; as mulheres nascidas no mez de Agosto devem escolher para maridos homens nascidos em Abril e os homens do mez de Agosto com as mulheres de Dezembro; Setembro com Março; Julho com Setembro e Dezembro com Agosto: Abril ou Dezembro.

Apezar destas regras do professor, certamente, os homens continuam a se casar com as mulheres que lhes convenham e as mulheres com os homens de quem gostam.

◆◆◆

Arvores fructiferas

Ha arvores fructiferas que apresentam bom estado apparente, tendo recebido cuidados culturaes, e que no emtanto, não dão fructos bons e abundantes.

Outras, comquanto tenham sido bem podadas, não equilibram a sua vegetação conservando uma extranha debilidade.

Para evitar taes inconvenientes, existe um processo geralmente efficaz e que consiste em fazer certas incisões em diversas fórmas transversaes e longitudianas, segundo o caso.

Para que sejam feitas com proveito essas incisões, é necessario comprehender bem os seus effeitos geraes.

Si se faz uma insisão acima de um orgam, este orgam se fortifica. E' o contrario quando a incisão é feita por baixo do orgam. Ahi, temos, pois, um regulador muito util para a vegetação.

As incisões transversaes geralmente se fazem acima de um botão para favorecer o seu desenvolvimento.

A incisão longitudial serve para favorecer o desenvolvimento dos ramos e do tronco. Não deve ser muito profunda.

Essa incisão deve ser feita, de preferencia, do lado opposto aos ventos dominantes, para evitar a sua desecação rapida.

Quasi sempre produz bons effeitos e augmenta de vigor o crescimento de um ramo fraco.

◆◆◆

Extravagancias de homens celebres

Augusto, o primeiro imperador romano, tinha medo dos relampagos e trovões, usando para conjurar os perigos disso um pé de vacca marinha. Acreditava muito em sonhos.

Tambem acreditava em sonhos Socrates, Pascal e Renan.

Luthero, autor da "Reforma", acreditava que suas dores physicas e os seus sonhos tristes provinham do demonio.

O poeta Tasso tambem acreditava em sonhos e tinha grande medo do diabo, o qual, emquanto elle, poeta, dormia, vinha roubar-lhe o dinheiro.

Ampére, o geometra, queimou o seu "O Futuro da Chimica" por temer de havel-o escripto sob inspiração satanica.

O grande poeta norte-americano, Edgard Poe, á noite, sentia ser estrangulado por horriveis demonios e innumeras serpentes.

Hobbes e Meyerbeer tremiam na escuridão.

◆◆◆

Contra o veneno das cobras

Informaram ao "Piauhy", do Estado do mesmo nome, que uma filha do Sr. Manoel Antonio, oleiro na capital, tendo sido mordida por uma cobra venenosa, salvou-se com o uso de tres doses de calomelanos, cada uma de duas grammas, dissolvidas em duas colheres com agua de limão azedo, tomadas de duas em duas horas.

◆◆◆

O que se deve fazer para viver com saude

Tudo quanto a hgiene estabelece para vivermos com boa saude e chegarmos a velhice pode-se resumir nos dez preceitos seguintes:

1.° — Levantar cedo e deitar em boa hora e trabalhar durante o dia.
2.° — Ar puro e bom sol.
3.° — Frugalidade e sobriedade nas refeições.
4.° — Manter limpa a pelle com banhos diarios mornos.
5.° Dormir sete horas.
6.° — Usar roupa folgada e que mantenha o corpo em boa temperatura.
7.° — Uma casa limpa e alegre attrahe a felicidade.
8.° — Dar expansão ao espirito em diversões moderadas.
9.° — A alegria faz nascer a vida. Fugi da tristeza como da peste.
10.° — Ganhais o pão com o cerebro? Pois então dai exercicio aos musculos: ganhais a vida com os musculos? Exercitai o cerebro com alguma leitura amena e instructiva.

◆◆◆

Nodoas de tinta

O melhor processo para tirar da roupa branca as nodoas de tinta sem a queimar, consiste em mergulhar a peça manchada duas ou trez vezes em sebo derretido, deixando de cada vez condensar o sebo, e lavando-a depois em agua limpa. Com relação aos tecidos de côr, si se dá pela nodoa antes de a tinta seccar, deita-se-lhe em cima um pingo de limãoou de vinagre puro, esfrega-se um pouco e lava-se immediatamente com agua, para não deixar mordente no tecido. Se a tinta seccou e as cores do estofo são finas, extenda-se bem a parte manchada na bocca de uma tigela que contenha agua a ferver, de modo que só o vapor da agua humedeça a nodoa, e deite-se-lhe em cima sal de azedas em pó; derrettido ste, esfrega-se levemente com a ponta do ddo, e logo que a nodoa amarelleça, lava-se depressa com sabão e agua quente antes que o acido coma a côr.

RECEITAS

Pão de Genova

Socam-se num pilão 150 grammas de amendoas peladas com 150 grammas de assucar; accrescentam-se socando sempre, dois ovos e mais batidas juntos. Sova-se essa mistura durante uns 10 minutos; accrescenta-se uma colherinha de kirsch depois 75 grammas de farinha dee trigo, emfim, uma clara batida como para suspiro e 75 grammas de manteiga derretida.

Unta-se a fôrma com manteiga. Guarnece-se o fundo com um papel untado tambem de manteiga. Não se enche a fôrma até em cima. Assa-se ao forno durante cerca de 1 hora. Tira-se da fôrma sobre uma grelha.

◇◇◇

Frango a monaco

Assa-se o frango sobre brasas, refogando-o primeiro em 50 grammas de manteiga, e deixando cozer em fogo brando durante 50 minutos, num bom litro de caldo de vinho branco; tempera-se.

Ao mesmo tempo cozem-se 250 grammas de arroz em tres copos de caldo e accrescentam-se depois 50 grammas de manteiga, faz-se o molho com 30 grammas de manteiga; 30 grammas de farinha de trigo; 3 quartos de litro do molho do frango; deixa-se reduzir; accrescentam-se 3 colherinhas de massa de tomate e afinal, fóra do fogo 100 grammas de manteiga.

Põe-se o arroz numa forma, vira-se quando prompto, num prato redondo, collocam-se no meio, pedaços de frango em pyramides; o molho na molheira.

◇◇◇

Modo de refinar o sal de cosinha

Deita-se em certa quantidade de agua tanto sal quanta ella possa conter, e ponha-se ao lume num tacho cuidadosamente limpo. Junte-se-lhe uma clara de ovo bem batida num copinho com agua para litro de agua e sal, deixe-se ferver e vá-se espumando. Em deixando de se formar escuma, coe-se por um panno tochado. Lave-se o tacho, deite-se-lhe novamete o liquido coado, e ferva-se até engrossar, mexendo continuamente para que se não pegue. Logo que haja engrossado bastante, tire-se do fogo continuando a mexer até secar.

Estabelecimento de 1.ª ordem inaugurado recentemente, situado no melhor local do LARGO DE S. FRANCISCO, dispõe de magnificos aposentos, hygienicos, arejados e mobiliados com o maximo conforto para familias e cavalheiros. Elevadores electricos, telephones, salas de espera e de leitura.

RIO DE JANEIRO

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14